



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III – OSMAR DE AQUINO
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

WESLEY BEZERRA DE LIMA

**ENSINO DE GEOGRAFIA E TURISMO GEODUCATIVO: PROPOSIÇÃO DE UM
ROTEIRO PARA O POLO TURÍSTICO SERRAS DO AGRESTE POTIGUAR.**

GUARABIRA – PB

2023

WESLEY BEZERRA DE LIMA

**ENSINO DE GEOGRAFIA E TURISMO GEODUCATIVO: PROPOSIÇÃO DE UM
ROTEIRO PARA O POLO TURÍSTICO SERRAS DO AGRESTE
POTIGUAR.**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC – Monografia) apresentado no Curso de Licenciatura Plena em Geografia, na Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Linha de Pesquisa: Geografia, Educação e Cidadania.

Orientadora: Prof.^a Dra. Angélica Mara de Lima Dias

**GUARABIRA – PB
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L478e Lima, Wesley Bezerra de.
Ensino de geografia e turismo geoeducativo [manuscrito] :
proposição de um roteiro para o polo turístico serras do
Agreste Potiguar / Wesley Bezerra de Lima. - 2023.
62 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2023.

"Orientação : Profa. Dra. Angélica Mara de Lima Dias ,
Coordenação do Curso de Geografia - CH. "

1. Ensino de Geografia . 2. Turismo Geoeducativo. 3.
Serras do Agreste. 4. Rio Grande do Norte. I. Título

21. ed. CDD 910

WESLEY BEZERRA DE LIMA


**ENSINO DE GEOGRAFIA E TURISMO GEODUCATIVO: PROPOSIÇÃO DE
UM ROTEIRO PARA O POLO TURÍSTICO SERRAS DO AGRESTE
POTIGUAR**


Trabalho de Conclusão de Curso (TCC – Monografia) apresentado no Curso de Licenciatura Plena em Geografia, na Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Geografia.


Linha de Pesquisa: Geografia, Educação e Cidadania.

Aprovada em: 29/06/2023.

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a Dr.^a Angélica Mara de Lima Dias (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Rafael Pereira da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof.^a Ms. Maria Altheia Stedile Belizário
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A Deus, que iluminou o meu caminho durante esta trajetória, aos meus pais, pelo exemplo de vida, companheirismo e amizade. A todas as amizades sinceras construídas na licenciatura, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, primeiramente, por toda benevolência divina em minha vida, pelos momentos de alegria que me foi proporcionado, por sua infinita bondade que nunca me deixou desamparado, mesmo diante tantas situações de incertezas.

A Nossa Senhora de Fátima, minha mãe e padroeira, por toda intercessão em minha vida.

Aos meus pais, José Jaílson e Maria do Socorro, minha base de sustentação na vida, por todo amor, carinho e cuidado. Que sempre me incentivarem a buscar a Educação, permitindo assim eu chegar até a conclusão deste curso.

Aos meus irmãos, Walison e Ana Beatriz, por todo apoio e amparo.

A toda minha família materna e paterna, que sem sombra de dúvidas torceram sempre por minhas realizações.

A minha querida vó materna Cícera Ferreira, pelas palavras de apoio e incentivo.

A minha segunda mãe, minha vó paterna Ana Maria, que sempre me acolheu e ensinou a trilhar os bons caminhos da vida.

Agradecimento especial, aos amigos e irmãos de caminhada de vida pastoral na Paróquia Nossa Senhora de Fátima, por toda amizade compartilhada ao longo destes anos.

Aos meus nobres amigos do “Quarteto” Arthur Souza, Paulo Júnior e João Matheus que conheci desde o 1º semestre (2017.2) da licenciatura e estiveram comigo nos momentos de elaboração de trabalhos científicos, risadas e brincadeiras. Amizades que vou conservar pelo resto da vida. Agradeço a todos amigos e colegas da Turma 2017.2, que foram fundamentais ao longo desta jornada acadêmica, em especial a Maria das Dores. Gratidão ao meu grande amigo Werllen Franklin, responsável pela elaboração dos mapas que auxiliaram na construção dessa monografia, obrigado por todo companheirismo ao longo do curso e atividades de campo.

A minha querida orientada Dra. Angélica Dias, por ter incentivado a construção de meu trabalho de conclusão de curso na temática do Turismo Geoeducativo. Por todo carinho e paciência durante a minha orientação, pelas experiências compartilhada na Monitoria de recursos didáticos, onde pude compreender melhor o mundo da docência.

A todos os professores que me acompanharam durante a graduação, em especial a Professor Carlos Antônio Belarmino Alves (*in memoriam*), que me aproximou mais ainda da Geografia.

A todos que fazem a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

*“Nem tão longe que eu não possa ver
Nem tão perto que eu possa tocar
Nem tão longe que eu não possa crer que um
dia chego lá
Nem tão perto que eu possa acreditar que o
dia já chegou.”*

(A Montanha – Engenheiros do Hawaii)

RESUMO

Em virtude da necessidade de metodologias de ensino em Geografia que auxiliem o trabalho docente, esta pesquisa busca apresentar uma proposta metodológica para o ensino de Geografia, que por vezes é inutilizada pelas instituições escolares, o Turismo Geoeducativo. Diante dessa questão, este trabalho científico tem como objetivo destacar as Potencialidades de Turismo Geoeducativo no Roteiro Serras do Agreste Potiguar que englobam as cidades de Passa e Fica, São José do Campestre, Serra de São Bento e Monte das Gameleiras, todas situadas no estado do Rio Grande do Norte. Pois, o Turismo Geoeducativo enquanto proposta metodológica, torna-se indispensável na construção do raciocínio e conhecimento geográfico dos discentes, além de propiciar nestes sujeitos o contato direto e interação com os elementos do seu lugar de vivência e locais visitados. Neste trabalho foi efetuada a caracterização geoambiental dos municípios que compõem o roteiro, descrevendo assim o relevo, hidrografia, clima, flora e fauna, contemplando também informações sobre localização, delimitação territorial e contingente populacional das cidades. Foram realizadas visitas de campo e exploratórias, para observar e identificar os possíveis locais com potencial para visita em atividades pautadas no turismo geoeducativo. Os roteiros propostos contemplam de forma individual atrativos selecionados por município, com paradas e locais onde o professor poderá abordar os conteúdos geográficos.

Palavras-chaves: Ensino de Geografia; Turismo Geoeducativo; Serras do Agreste; Rio Grande do Norte.

ABSTRACT

Due to the need for teaching methodologies in geography that help the teaching work, this research seeks to present a methodological proposal for the teaching of Geography, which is sometimes unusable by school institutions, the Geoeducational Tourism. Faced with this question, this scientific work aims to highlight the Potentialities of Geoeducational Tourism in the Route Serras do Agreste Potiguar that include the cities of Passa and Fica, São José do Campestre, Serra de São Bento and Monte das Gameleiras. Therefore, Geoeducational Tourism as a methodological proposal, becomes indispensable in the construction of reasoning and geographic knowledge of students, in addition to providing these subjects with direct contact and interaction with the elements of their living space and places visited. In this work, the geoenvironmental characterization of the municipalities that make up the route was carried out, thus describing the relief, hydrography, climate, flora and fauna, bringing geographic information on location, territorial delimitation and population distribution of the cities. Field and exploratory visits were carried out to observe and identify possible locations with geographic and tourist potential. The proposed itineraries individually contemplate attractions selected by municipality, with stops and places where the teacher can address geographic content.

Keywords: Teaching of Geography; Geoeducational Tourism; Serras do Agreste; Large northern river.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Turismo Geeducativo	30
Figura 2 – Paisagem no período chuvoso (A) e seco (B).	38
Figura 3 – Interior da Casa do Artesão Celma Lisboa	41
Figura 4 – Renda do Frivolité	42
Figura 5 – Mirante Alto de Terra da Timbaúba	43
Figura 6 – Espécies vegetais que podem ser encontradas no mirante	44
Figura 7 – Torre de rede móveis	44
Figura 8 – Passagem molhada	45
Figura 9 – Plantas aquáticas no Rio Calabouço.	45
Figura 10 – Resíduos sólidos jogados no curso do rio.	46
Figura 11 – Espécies vegetais que podem ser encontradas nas proximidades do Rio Calabouço	47
Figura 12 – Igreja Matriz de São José	48
Figura 13 – Visão panorâmica do Mirante Alto do Cruzeiro Frei Damião	49
Figura 14 – Trajes de São Francisco deixados pelos fiéis devotos.	50
Figura 15 – Vegetação encontrada na trilha do cânion dourado	51
Figura 16 – Lago próximo a trilha do cânion dourado	52
Figura 17 – Formas de intemperismo	52
Figura 18 – Manuscrito “Luz e Vida” encontrado no ano de 2012.	54
Figura 19 – Pinturas coloniais restauradas na Matriz de São Bento abade	55
Figura 20 – Casa do Artesão Serrabentense	55
Figura 21 – Museu com símbolos da cultura nordestina	56
Figura 22 – Letreiro Turístico – Monte das Gameleiras	57
Figura 23 – Pinturas rupestres na Pedra da Pintada – Monte das Gameleiras – RN	58
Figura 24 – Visão frontal do afloramento rochoso “Pedra da Pintada” onde foram registrados os grafismos rupestres.	58

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Prévia da População dos Municípios que compõem as SAP	35
Quadro 2 –	Potencialidades Geoeducativas e suas tipologias	39

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Polos Turísticos do Rio Grande do Norte	33
Mapa 2 – Localização dos Municípios pertencentes ao polo turístico Serras do Agreste Potiguar (SAP)	34
Mapa 3 – Mapa Hipsométrico do Polo Turístico SAP	36
Mapa 4 – Mapa Hidrográfico do Polo Turístico SAP	37

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANA	Agência Nacional de Águas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
OMT	Organização Mundial do Turismo
MTur	Ministério do Turismo
PB	Paraíba.
RN	Rio Grande do Norte
SAP	Serras do Agreste Potiguar
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso.
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	15
2	TURISMO E ATIVIDADES EDUCATIVAS: INFERÊNCIAS TEÓRICAS.....	18
2.1	ANTECEDENTES HISTÓRICOS DO TURISMO.....	18
2.2	TURISMO E O CONHECIMENTO.....	22
2.3	O ENSINO DE GEOGRAFIA E O TURISMO GEOEDUCATIVO.....	26
3.0	RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	32
3.1	DESCRIÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO.....	32
3.2	ROTEIRO DE ATIVIDADES DE TURISMO GEOEDUCATIVO NAS SERRAS DO AGRESTE POTIGUAR.....	39
3.2.1	<i>ROTEIRO PASSA E FICA - RN.....</i>	40
3.2.2	<i>ROTEIRO SÃO JOSÉ DO CAMPESTRE - RN.....</i>	47
3.2.3	<i>ROTEIRO SERRA DE SÃO BENTO - RN.....</i>	50
3.2.4	<i>ROTEIRO MONTE DAS GAMELEIRAS - RN.....</i>	56
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
	REFERÊNCIAS	61

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A Geografia é uma ciência abrangente que se preocupa em analisar os acontecimentos no espaço geográfico, onde se estabelecem as relações entre o homem e o meio. Dessa forma consegue abarcar o estudo e análise das características físicas da Terra, modificações ocorridas no meio natural e relações estabelecidas pelos vários sujeitos de uma sociedade no espaço geográfico.

A Geografia enquanto disciplina escolar por vezes é intitulada como disciplina puramente pragmática, mnemônica, enciclopédica e enfadonha, por ter conservado em sua trajetória no campo educacional, tendências geográficas de aspectos descritivos. No entanto, são as propostas e métodos de ensino adotados pelas instituições escolares, que vão se contrapor a essas objeções, pois a Geografia em conjunto com as demais ciências humanas possibilitam a formação de sujeitos conscientes e críticos, nas questões espaciais, políticas, econômicas, históricas, sociais, ambientais e culturais.

Este trabalho busca apresentar uma proposta metodológica para o ensino de Geografia que pouco vem sendo integrada nos currículos das instituições escolares, o Turismo Geoeducativo, que não se pauta somente em proporcionar viagens e lazer, mas torna-se uma ferramenta indispensável na construção do raciocínio e conhecimento geográfico dos discentes. Esta atividade propicia aos alunos contato direto e interação com os elementos do local visitado, além de contribuir na eficiência do processo de ensino-aprendizagem. Desse modo, o Turismo Geoeducativo enquanto proposta metodológica, permitirá aos estudantes uma prática de diálogo com os lugares, fazendo-os interagir com elementos atrativos e repulsivos, elementos que no turismo retórico não devem ou não podem ser observados (OLIVEIRA, 2006).

Essa proposta metodológica pode ser desenvolvida nos mais diversos ambientes externos à sala de aula, devendo atentar-se apenas aos objetivos e temáticas estabelecidos previamente pelo professor, que posteriormente serão abordadas no local visitado. Nesse sentido, o turismo geoeducativo proporcionará aos discentes a interação com o meio (natural e social). Quanto a escolha dos respectivos locais, deve ser levado em consideração o potencial turístico e geográfico presente nestes espaços. O polo turístico Serras do Agreste Potiguar - RN, área de estudo deste trabalho científico, apresenta condições favoráveis ao desenvolvimento desta proposta.

Desse modo, o presente trabalho objetiva a elaboração de um roteiro turístico individual para os quatro (4) municípios (Passa e Fica, São José do Campestre, Serra de São Bento e Monte das Gameleiras) que compõe as Serras do Agreste Potiguar. Com base nisto, foram definidos

os seguintes objetivos específicos: discutir a relação ensino de Geografia e Turismo Geoeducativo; caracterizar o polo Turístico Serras do Agreste Potiguar; propor um roteiro de Turismo Geoeducativo para o Polo Turístico Serras do Agreste Potiguar.

A metodologia utilizada para materialização desta monografia, inicialmente foi o levantamento bibliográfico voltado ao ensino de Geografia na educação básica, conceitos e fatores históricos relacionados a atividade turística e modalidade do Turismo Geoeducativo. Posteriormente foram realizadas pesquisas exploratórias nos municípios que compõem o roteiro turístico, por se tratar de locais ainda inexplorados do ponto de vista geoeducativo.

Foram realizadas 12 visitas de campo, dentre elas uma expedição coletiva com pesquisadores da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), que estão desenvolvendo um trabalho científico nos municípios que compõem o roteiro turístico analisado. Nas visitas *in loco* foram realizadas observações, para elaboração da caracterização geoambiental dos municípios pesquisados, levando em consideração os elementos geográficos, culturais e históricos presentes nos atrativos turísticos e na paisagem.

Essa proposta metodológica torna-se uma ferramenta estratégica para o ensino de Geografia, pois permite aos professores utilizarem uma perspectiva alternativa às metodologias de ensino já existentes, da mesma forma permite aos docentes se contraporem ao ensino mnemônico da Geografia. Pois, “o turismo ao ser adotado como um instrumento de educação, pode contribuir à Geografia escolar, ao dar sustentação para que o aluno seja um agente transformador e conhecedor do seu espaço de vivência e da sua cidade” (NASCIMENTO, 2017, p. 14).

Os roteiros de Turismo Geoeducativo que neste trabalho serão apresentados, não devem ser executados como “atividade complementar” para as aulas de Geografia, pois a própria sala de aula será representada nos espaços turísticos que apresentam rica biodiversidade e geodiversidade, o que possibilita o debate de temas importantes da Geografia, tais como: relevo, hidrografia, clima, flora, fauna, cultura, percepção, vivência e simbolismo das paisagens humanas. Estes mesmos espaços possuem valores simbólicos e culturais (materiais e imateriais) imensuráveis para a população que está inserida em suas adjacências. Portanto, se torna necessário a integração da educação patrimonial com a Geografia e o turismo.

O trabalho aqui intitulado como “Ensino de Geografia e Turismo Geoeducativo: Proposição de um roteiro para o Polo Turístico Serras do Agreste Potiguar” surgiu a partir da necessidade identificada pelo pesquisador no seu local de vivência, de harmonizar a prática do turismo com a Geografia escolar. A mesma tem relevância no âmbito científico, pois se trata

de uma temática não abordada anteriormente pela comunidade acadêmica no roteiro turístico em questão.

Para uma melhor compreensão deste trabalho, este foi organizado em 4 (quatro) partes, além desta parte introdutória, abordamos em seguida em discussão teórica os antecedentes históricos do turismo, as motivações para realização desta prática, os períodos históricos em que o fenômeno do turismo se desenvolveu e as diversas conceituações do Turismo, significados e interpretações. Na sequência, apresentamos os resultados a partir de dados sobre: delimitação territorial; distribuição populacional; caracterização geoambiental das Serras do Agreste Potiguar (relevo, hidrografia, clima, flora e fauna); apresentamos os potenciais geoeducativos e roteiro de atividades de Turismo Geoeducativo nas Serras do Agreste Potiguar. Por fim, apresentamos as considerações finais do trabalho.

2. ATIVIDADES EDUCATIVAS E TURISMO: INFERÊNCIAS TEÓRICAS

Neste capítulo, apresentamos as origens e evolução da atividade turística com base na história da humanidade, partindo do período das civilizações mais remotas à contemporaneidade, expondo os antecedentes históricos do turismo, as motivações para realização desta prática e os objetivos pessoais a serem alcançados com as viagens. Enfatizamos também os períodos históricos em que o fenômeno do Turismo se desenvolveu e a contribuição que cada um exerceu na consolidação desta prática.

Os tópicos vão destacar a importância do movimento histórico *Gran-tour*, Revolução Industrial e evolução dos meios de transportes. Ademais, o capítulo vai discorrer sobre as diversas conceituações do Turismo, significados e interpretações distintas que são atribuídas a esta palavra. Abordamos as práticas de ensino de Geografia no Brasil e a necessidade de utilização de diferentes metodologias e recursos didáticos nas aulas, sobretudo atividades extraclasse. Ressaltamos por fim, o ensino da educação patrimonial, sua conceituação e harmonia estabelecida com o Turismo Geoeducativo.

2.1 ANTECEDENTES HISTÓRICOS DO TURISMO

O ser humano sempre foi motivado a viajar por diferentes razões, dentre elas a busca por alimentos, abrigo, procura de melhores condições climáticas, conhecimento de novas culturas, do lazer e entre outros. Por isso, se torna um desafio determinar com exatidão o período histórico em que surgiu a atividade turística, visto que o ato de viajar foi comum entre sociedades, desde as que estão inseridas na pré-história até as contemporâneas (SOUSA e COLANTUONO, 2015).

Para abordar o Turismo e sua importância na sociedade contemporânea e pós-moderna, se faz necessário antes de tudo ressaltar que o mesmo não é um fenômeno recente. Desde as civilizações passadas, milhares de pessoas se deslocavam para lugares e destinos diferentes do seu entorno habitual, realizando viagens com o objetivo de conhecer outras culturas e obter conhecimentos essenciais para formação humana, nas quais se alinhavam com o sentimento de prazer e aprendizagem.

Na Antiguidade, é possível destacar alguns acontecimentos que podem ser considerados práticas rudimentares do turismo:

É muito provável que já houvesse algum olhar turístico nas longas viagens marítimas dos fenícios, inventores do comércio e da moeda, três milênios antes da era cristã, ou nas caravanas dos povos mesopotâmios (sumérios, babilônios, assírios) que

atravessavam as regiões áridas do Oriente Médio, dando início a um culto singular à hospitalidade. Apesar da vida nômade desses povos, sempre havia uma tenda pronta a receber os estranhos (BOSISIO, 2005, p. 7).

No período da Antiguidade Clássica, o Turismo começou a ganhar um viés econômico especificamente na Grécia, com o crescimento de eventos que chamavam a atenção das pessoas daquela referida época. Um dos eventos que cabe destaque são os jogos olímpicos, na cidade de Olímpia, conforme pontuam Carvalho e Gaio (2006, p.2) “a cada 4 anos, milhares de gregos se reuniam em Olímpia, um famoso santuário a Zeus e outras divindades, para participar ou assistir aos jogos dedicados à honra de Zeus”. Através disso, a estrutura da cidade foi sendo modificada para receber os participantes e expectadores dos jogos Olímpicos, o que impulsionou os cidadãos gregos a construírem infraestruturas de alojamentos, transporte e alimentação para esses primeiros “turistas” (SOUSA e COLANTUONO, 2015).

A expansão do Império Romano contribuiu de forma significativa na prosperidade das atividades basilares do Turismo, oferecendo meios para que esse fenômeno fosse sendo praticado pelas sociedades. Segundo Panazzolo (2010, p.2) “os gregos e os romanos tiveram um grande papel nessa evolução turística. Suas grandes construções (pontes, viadutos e estradas) permitiram deslocamentos rápidos, seguros e com número cada vez maior de viajantes”.

Uma prática que ganhou notoriedade e se tornou comum na Idade Média foi a realização de peregrinações religiosas, nas quais as pessoas eram estimuladas a sair de seu local habitual motivadas pela fé e busca do sagrado. Os peregrinos eram imbuídos no desejo de proteger e ocupar as regiões contra invasores. As viagens e os longos deslocamentos realizados por meio das peregrinações na Idade Média tornaram-se um fenômeno de grande expressão e relevância, para Ribeiro (2003, p.1):

Durante a Idade Média, as peregrinações assumiram aspecto significativo na paisagem européia, quando estratégias políticas e devoção intercambiaram objetivos e motivações. A figura do peregrino cristão, a pé, faz parte de um quadro místico, onde a fé e as penitências conviveram com os perigos e a necessidade de ocupar regiões, defendendo-as de invasores.

O Renascimento que surgiu por volta dos séculos XIV e vigorado até o XVIII, teve o Conhecimento como grande motivador das viagens (MACHADO, 2013). Podemos acrescentar ainda, a visão de Ribas e Silva (2013, p.3) sobre o renascimento:

O Renascimento foi um período de grandes avanços para as viagens. Há uma quebra do domínio da religião. O incentivo da satisfação pessoal e o desejo de explorar e de

entender o mundo levam as pessoas a realizarem viagens culturais motivadas por estudo e experiências. Enquanto o viajante da idade média realizava suas viagens tentando desvelar os mistérios da igreja, este novo viajante busca experiências e conhecimento. Essas viagens eram aprovadas pela Coroa Inglesa que, frequentemente, arcava com parte das despesas, sobretudo para futuros diplomatas e ocupantes de cargos nos reinos.

As práticas culturais realizadas pela sociedade renascentista deixaram o sentido que as viagens de cunho educacional são aquelas em que o aprendizado acontece, dessa forma, a busca pelo conhecimento e a necessidade de realizar estudos diversos eram os principais interesses (OLIVEIRA, 2017).

Um dos movimentos históricos do turismo que ganhou destaque após o período do Renascimento foi “*O Grand Tour*”, iniciado em meados do século XVI perdurando até o século XVIII. Considerada uma prática comum entre os jovens aristocratas, em suma maioria Ingleses que compunham a elite de seus países ou famílias de elevado poder aquisitivo (REIS e CARDOZO, 2018), realizando longas viagens por países da Europa no intuito de complementar a suas formações acadêmicas. Milheiro e Melo (2005, p.115), consideram que o *Granr Tour*:

Tratava-se de viagens de jovens aristocratas ingleses, do sexo masculino, educados para carreiras de política, governo e diplomacia, que, para complementarem os seus estudos, embarcavam numa viagem pela Europa, com duração de dois a três anos, regressando a casa quando a sua educação cultural estivesse completa. Era uma espécie de ritual educativo a que a nobreza britânica chamava o “Grand Tour”.

Os jovens aristocratas eram detentores de uma educação de excelência, diferente das demais classes sociais que não possuíam privilégios no campo educacional, social e econômico. Surgiu à necessidade então de ampliar o conhecimento desta parcela da sociedade para além dos ambientes de aulas, a descoberta de um mundo novo:

Os jovens aristocratas, aqueles que tinham acesso aos estudos acadêmicos, passaram a considerar o mundo pequeno demais para caber dentro de uma sala de aulas. Ora, estudar Horácio e Virgílio, as obras de artes e os sítios antigos por eles descritos era uma coisa, agora vê-los e experienciá-los pessoalmente era algo que ultrapassava qualquer conteúdo acadêmico, algo muito além do que qualquer tutor poderia ensinar pois a experiência não pode ser ensinada, apenas vivida. Desponta-se assim o Grand Tour. (REIS e CARDOZO, 2018, p.22).

Ao longo dos anos, o *Gran Tour* foi se ampliando para as demais classes sociais da época e a partir disso outros jovens de famílias abastadas da França, Alemanha, Rússia e demais nações tiveram a oportunidade participar das viagens. Com o objetivo de aprimorar seus conhecimentos formais e se debruçar sobre: compreensão de outras culturas, religião, sistema político e social, Geografia, arte e arquitetura das cidades. O contato com essas diferentes áreas

perpassava os objetivos das famílias nobres em formar seus filhos para atuarem nos campos diplomáticos e militares.

A prática da atividade turística a partir do século XVI estava alinhada com a condição econômica e social das famílias, sendo restrita apenas para pessoas ricas, filhos de comerciantes, participantes da pequena e alta nobreza. As viagens oportunizadas através do *Gran-tour* tornaram-se um forte critério de distinção entre as elevadas classes sociais das demais inferiores. Segundo Mattos (2012, p.12), era evidente o desejo de se manter padrões de status social:

Para os ingleses, sobretudo, era uma prática comum e cultural enviar seus parentes para escolas renomadas, já que indicava o fomento do poder e a manutenção de uma classe social majoritária em termos de elite social. Também há o fato de que quanto mais viajado fosse o indivíduo, mais cultura adquirida havia na bagagem da pessoa, princípio consolidado até os dias atuais.

Inicialmente as longas viagens eram realizadas por meio de cavalos, carruagens ou usando embarcações com precárias condições estruturais, de higiene e alimentação. E isso fazia com que longas distâncias se tornassem um fatigante desafio na execução das viagens. O início da Revolução Industrial propiciou uma série de modificações na sociedade e no fenômeno do turismo. Nesse sentido, Panalozzo (2005, p.5) destaca que “as grandes transformações vieram após a Revolução Industrial, com a criação de uma classe média, um aumento do tempo livre ocasionando as grandes viagens turísticas da elite”. Com a evolução dos meios de transporte as distâncias foram encurtadas e os riscos e obstáculos durante as viagens diminuíram.

Neste contexto, os meios de transporte foram essenciais na evolução do turismo e movimento de pessoas pelo mundo, pois eles são considerados uma necessidade primária dos homens. Segundo Santos, *et. al.* (2010) qualquer viajante, seja turista ou não, utiliza um ou mais meios de transportes no decorrer da sua viagem. Os meios de transporte foram sendo aperfeiçoados para atender as diferentes necessidades humanas, durante as fases da Revolução Industrial, as principais consequências positivas desse processo podem ser destacadas a invenção do motor a vapor, que revolucionou os meios de produção e consequentemente as formas de locomoção, dentre elas a criação dos barcos e locomotivas a vapor.

Inicialmente os meios de transportes foram destinados exclusivamente ao transporte de cargas e, posteriormente, a locomoção de pessoas (CAVALCANTE E ALVES, 2011). Desse modo, a dinâmica dos transportes foi sendo modificada e estes se tornaram agentes fundamentais nos deslocamentos de pessoas sobre o mundo, contribuindo, sobretudo para a ampliação do turismo. Nesse sentido, Cavalcante e Alves, (2011, p.3), vem destacar a ligação fundamental entre o transporte e o turismo:

São claras as relações entre transporte e turismo. O desenvolvimento de ambos ocorreu paralelamente. Não seria possível o homem percorrer grandes distâncias se não pudesse contar com a utilização dos meios de transporte, pois não há outro método ou ato humano que seja capaz de realizar tal façanha.

A evolução dos meios de transporte ocasionou a substituição do uso da força animal pelo uso de energia advinda dos motores a vapor que moviam embarcações e locomotivas com velocidades superiores aos de trações animais, bem como o oferecimento de melhor conforto aos passageiros. O advento dos meios tecnológicos posterior as fases da revolução industrial e domínio dos transportes por vias terrestres e marítimas inspirou a ascendência dos transportes por vias aéreas.

Portanto, Bursztyn e Assis (2015, p.23) ressaltam que “após o domínio dos deslocamentos por terra e pela água, o século XX foi marcado pela busca do ‘domínio’ dos ares”. No período pós Segunda Guerra Mundial, a aviação civil foi sendo introduzida como alternativa de transporte eficaz e confortável. O transporte aéreo oferece diversos benefícios, segundo Edra (2005, p. 49) “possibilita ampla integração nacional e internacional; é o modal que “mais encurta as distâncias”; confere rapidez, segurança e confiabilidade ao transporte; permite quase que instantâneos deslocamentos intercontinentais, internacionais e nacionais”.

2.2 TURISMO E O CONHECIMENTO

De acordo com Ito (2009, p.3) “a curiosidade e a necessidade dos homens de conhecer e descobrir lugares e povos diferentes, há muito impulsionam as viagens. Desde os tempos mais remotos, elas constituíram grande fonte de conhecimento e descobertas”. O ato de se deslocar e conhecer novos lugares sempre esteve atrelado a formas de sobrevivência e, posteriormente, voltada ao desejo de conhecimento. A forma de vida nômade foi um dos fatores que aproximou o ser humano ao desejo de conhecimento, Reis (2018, p. 17) enfatiza que:

Desde o momento em que o sujeito nômade se deslocava em busca de alimento, aprendia rotas, melhores caminhos, formas mais eficazes de caça, aprender não era seu objetivo primo mas estava intrínseco em seu gesto. Em dado momento histórico, uma vez satisfeitas suas necessidades básicas, o conhecimento passou então a ser o objeto do deslocamento humano, tendo a Antiguidade por berço. (REIS, 2018, p.17).

Em um determinado momento histórico, após as suas necessidades básicas terem sido satisfeitas, o conhecimento passou então a ser o objeto e mobilizador do deslocamento humano, na qual teve a Antiguidade como princípio (REIS e CARDOZO, 2018). Cabe evidenciar que as

viagens foram importantes recursos de aprendizagem e aperfeiçoamento cultural (ABRAHÃO e CHEMIN, 2009). As pessoas eram impulsionadas a viajar por razões diversas, tais como: invasões territoriais, guerras, motivações econômicas e religiosas.

Isso contribuiu para o fortalecimento das etapas evolutivas do turismo, seus processos e adaptações até se chegar à modernidade. Mesmo que haja uma relação próxima entre viagem e turismo, não se devem analisar esses dois fenômenos sobre uma mesma ótica. Figueredo (2014, p. 3) vai salientar as diferenças entre as categorias de Viajar e Turismo:

Essas categorias se apresentam diferentes por dois aspectos: porque a caracterização ontológica da viagem pressupõe o deslocamento espacial e temporal dos homens, mas como isso pouco explica sobre a categoria da viagem, o significado ontológico deve ser ampliado (ou reduzido) para a percepção de um deslocamento espaço-temporal do homem, que tem como origem o local de sua residência para um local de não-residência ou ainda de futura residência (FIGUEREDO, 2014, p.3).

As viagens proporcionavam inúmeras experiências e aprendizados aos sujeitos que a praticavam, ao longo da história isso ficou visível nas expedições de cunho científico realizada pelos exploradores da Geografia e demais ciências. Viajavam sobre os continentes na busca de compreender o mundo e/ou explicá-lo por meio de descrições minuciosas dos itinerários que realizavam, relacionadas a cultura, política, aspectos socioeconômicos e da natureza.

Desse modo, tanto na Antiguidade, Idade Antiga, Idade Média, Idade Moderna ou Contemporânea, o homem era atraído pelo conhecimento que as viagens proporcionavam, por meio do contato com o conhecido e desconhecido, percepção dos *lugares, territórios, paisagens* e relações estabelecidas no espaço geográfico. Outras perspectivas e motivações a serem consideradas também estão relacionadas a busca do descanso, lazer e saúde. É atribuída a palavra Turismo uma gama de significados e definições distintas, que foram evoluindo ao longo dos séculos, Dias e Aguiar (2002, p.21) descrevem que:

Etimologicamente a palavra TURISMO deriva do latim *tornus*, substantivo que significa a ação de movimento e retorno, e que dá origem a *tornare*, girar. Desse modo as raízes *tour* e *turn* tem procedência latina e significariam aproximadamente “viagem circular”, ou seja, há ida e volta, o retorno é essencial nesse sentido. No século XII, aparece no francês a palavra *tour*, com o significado de “circuito, movimento circular”; encontra-se registro, em inglês, em 1643, do vocábulo *tour*, de onde se derivou *tourist* (1800) e *tourismo* (1811).

No entanto, há outras interpretações e definições do termo “Turismo” e dos elementos que estavam alinhados com a prática dessa atividade, mas na maioria das vezes o fator econômico que condicionava a formulação dessas concepções. Surgiram então, ao longo dos anos conceitos que complementavam o entendimento da atividade turística além do viés

econômico, que abrangia os deslocamentos, tempo de permanência das pessoas nos destinos e visão não lucrativa desse fenômeno. Beni (2001, *apud* TRIGO 2008, p.16) traz uma conceituação mais ampla sobre o Turismo e dos elementos que integram a atividade turística:

Turismo é um elaborado e complexo processo de decisão sobre o que visitar, onde, como e a que preço. Nesse processo intervêm inúmeros fatores de realização pessoal e social, de natureza motivacional, econômica, cultural, ecológica e científica que ditam a escolha dos destinos, a permanência, os meios de transporte e o alojamento, bem como o objetivo da viagem em si para a fruição tanto material como subjetiva dos conteúdos dos sonhos, desejos, de imaginação projetiva, de enriquecimento existencial histórico-humanístico, profissional e de expansão de negócios.

De acordo com Organização Mundial do Turismo – OMT (2001), o Turismo é o fenômeno que compreende todas as atividades executadas pelas pessoas durante as suas viagens e estadas em locais diferentes do seu entorno habitual, por um intervalo de tempo consecutivo que seja inferior a um ano, motivada pelo lazer, negócios e outros.

Para Cunha (2010, p. 4), “a primeira definição oficial de “turista” surge em 1937, no âmbito da Sociedade das Nações (SDN) para ajudar ao estabelecimento de comparações em matéria de estatísticas internacionais.”. A entidade (SDN) então traz o conceito de turista internacional, indicando o que posteriormente tornar-se-ia a base de entendimento do turismo. Essa entidade afirma, segundo Pakman (2014, p.8) que turista é “toda pessoa que viaja, por um período de 24 horas ou mais, para um país diferente daquele de sua residência habitual”.

Porém, tal definição estabelecida pela SDN exclui as pessoas que realizam o turismo nacional, ou seja, nos seus países de origem. Essa definição, foi sendo substituída ao longo das décadas e foi incorporado a definição de turismo os visitantes nacionais/domésticos, em determinadas especificações. A OMT (2003, p. 20-21) vem definir turista em categorias:

Visitante Internacional: qualquer pessoa que viaje para um país no qual não possua residência usual e que esteja fora de seu ambiente normal, por um período que não ultrapasse 12 meses, e cujo objetivo principal da visita não seja o exercício de uma atividade remunerada dentro do país visitado;

Visitante doméstico: qualquer pessoa que resida em um país e viaje para um lugar dentro dos limites do território e fora de seu ambiente usual, por um período que não ultrapasse 12 meses, e cujo objetivo principal da visita não seja o exercício de uma atividade remunerada no local visitado;

Visitante de pernoite: qualquer visitante que permaneça, no mínimo, uma noite em acomodações coletivas ou privadas no local visitado;

Visitante de um dia: qualquer visitante que não pernoite em acomodações coletivas ou privadas no local visitado.

A conceituação elaborada pela OMT é a referência mais utilizada e difundida em todo o mundo, este conceito é considerado universal e oficial. Entretanto, no mundo acadêmico tal conceituação é considerada insuficiente e limitada, pela forma que é sintetizada (BORGES e AVENA, 2017).

Na conceituação do Turismo nem sempre foi dada importância o contexto histórico local e das populações envolvidas nesse fenômeno. Todavia, os processos de definição do conceito e da palavra Turismo devem ser analisados do ponto de vista de todos os agentes que participam de forma direta e indireta da atividade turística.

Devendo-se primar pela desconstrução da falsa ideia de “Padronização” do que poderia ser considerado “Turismo”, bem como suas diferentes formas de atividade, segmentações e setores. É natural que após pensar ou pronunciar a palavra turismo, venha em nossa mente uma imagem que remete a busca do lazer, entretenimento e viagens. No entanto, isso pode ser considerado apenas algumas das experiências que o Turismo pode oferecer diante de um horizonte sensações que envolvem os sujeitos na prática desta atividade. Dessa forma, deve ser respeitado o entendimento que cada sujeito tem sobre a conceituação do Turismo.

Para romper essa visão fechada do turismo, destacamos a importância da Geografia, que é uma ciência que se preocupa em entender as dinâmicas ocorridas no espaço geográfico, tal como analisar as relações sociais e do homem com a natureza. Por isso, ela traz uma compreensão da atividade turística que vai além do viés econômico, pois, leva em consideração também os elementos políticos, ambientais e socioculturais no território. Consequentemente o turismo vai pertencer a Geografia, pois o espaço geográfico se tornará o palco de todos os eventos desencadeados no espaço turístico. Segundo Cruz, (2001, p. 5) o turismo é compreendido como “prática social, que envolve o deslocamento de pessoas pelo território e que tem no espaço geográfico seu principal objeto de consumo”. Emerge então a temática da Geografia do Turismo, que pode ser entendida de acordo com Barros (2001, *apud* LEMOS 2020, p. 33-34) que:

algumas das funções características da Geografia do Turismo são, por exemplo, estudar a relação entre a atividade turística e o meio ambiente; a “criação” de paisagens pelo turismo e as representações das paisagens turísticas; além de servir de apoio na identificação de novas áreas propensas ao turismo e na realização de inventários para a implementação dos serviços necessários à exploração turística.

O papel da Geografia do Turismo será também de possibilitar a abordagem de conceitos que enfatizem a imagem, imaginação, imaginário e invisibilidade palpável do espaço, pois a Geografia não se limita apenas em descrever e observar o visível. É notório que o fenômeno do turismo há anos desperta o interesse dos geógrafos, pois essa prática mantém uma forte e

insubstituível relação com questões pertinentes a esta ciência geográfica, tais como as suas categorias de análise: Espaço, paisagem, lugar, território e região. A contribuição da Geografia nas atividades exercidas no turismo pode ser dada também através de suas ramificações, tais como: biogeografia, geomorfologia, geologia, geopolítica, dentre outras.

2.3. O ENSINO DE GEOGRAFIA E O TURISMO GEOEDUCATIVO

Mesmo diante de uma série de mudanças que ocorreram no formato de Educação Brasileira ao longo dos anos, a Geografia continua sendo intitulada como uma disciplina enciclopédica, descritiva, exaustiva e mnemônica (BATISTA, 2020). Tais adjetivos são justificados pela presença dessas práticas consideradas “comuns” no cotidiano escolar, sejam pela suposta postura dos professores em sala de aula voltados para o “Ensino Tradicional, ou em consequência dos currículos defasados das instituições, processos pedagógicos cristalizados, baixos níveis de aprendizado dos alunos, carência na formação continuada dos professores e precariedade da educação pública. Responsabilidade que propriamente não deve ser atribuída apenas as instituições escolares, mas devem ser codividas com as Famílias, Estado e Sociedade Civil.

Durante sua trajetória como disciplina escolar a Geografia por vezes conservou a postura “Tradicional” de ensino, com ênfase na descrição de conceitos e categorias geográficas, memorização de conteúdos e modelo de aulas expositivas. Essa Geografia tradicional foi fundamentada na própria educação tradicional, como enfatiza Straforini (2001, p.28)

O objetivo da escola tradicional é a transmissão de conhecimento, ou seja, uma preocupação conteudista. Desta forma, o aluno é visto como um agente passivo, cabendo a ele decorar e memorizar o conjunto de conhecimentos previamente selecionados, significativos da cultura da humanidade, que é transmitido pelo professor em aulas expositivas.

A Geografia escolar assume por um longo período um caráter pragmático e teórico, que não levava em consideração os acontecimentos ao redor do mundo e que influenciou os discentes. Segundo Muniz (2012, p.2) “a Geografia, por muito tempo considerou os acontecimentos que rodeavam o mundo como algo externo aos interesses dos alunos, reduzindo o saber geográfico à simples memorização dos dados”. No entanto, a Geografia dispõe de uma ampla área de estudo e tem por objetivo oferecer meios para que os alunos se envolvam com os acontecimentos que estão em sua volta e no presente, de maneira que possam refletir e vislumbrar os eventos futuros em que estarão inseridos.

Esta disciplina deve ainda contribuir na formação cidadã do aluno, possibilitando aos mesmos o desenvolvimento do senso crítico e reflexivo sobre questões pertinentes a construção do conhecimento geográfico e formação desses discentes para a vida. Straforini (2001, p. 23) acrescenta que:

A Geografia, necessariamente, deve proporcionar a construção de conceitos que possibilitem ao aluno compreender o seu presente e pensar o futuro com responsabilidade, ou ainda, se preocupar com o futuro através do inconformismo do presente. Mas esse presente não pode ser visto como algo parado, estático, mas sim em constante movimento.

Quando se fala em ensino tradicional, aprendizagem significativa, criticidade dos discentes é impossível não elucidar a importância dos professores na manutenção ou interrupção desses processos de ensino (SOUZA FILHA e JACAÚNA, 2017). Pois são estes profissionais que tem a nobilíssima tarefa de conduzir o processo pedagógico por meio de suas ações intra e extraclasse, e suscitar o desenvolvimento de alunos críticos e protagonistas sob o ponto de vista do pensamento geográfico.

No entanto, a figura centralizada do processo de ensino não deve ser o Professor, que frequentemente é intitulado como “detentor/transferidor de conhecimento”, mas sim o mediador do processo de aprendizagem. Para Oliveira (2014, p.4) “hoje, não se pede um professor que seja mero transmissor de informações, ou que aprende no ambiente acadêmico o que vai ser ensinado aos alunos, mas um professor que produza o conhecimento em sintonia com o aluno”. Portanto, o professor deve caminhar contra essa proposta metodológica de ensino baseada no estilo tradicional, que impõem ao aluno à simples posição de receptor e reproduzidor de conhecimento.

Nesse sentido, para que o professor tenha êxito na sua proposta de ensino geográfico, deve diversificar sua prática em relação aos métodos que valorizam apenas o ensino mnemônico e descritivo, primando pelo uso de diferentes metodologias, dando destaque para aquelas que inserem o aluno no centro do processo educacional, oferecendo a eles autonomia, reflexão e problematização da realidade. Para que assim sirvam como estratégia facilitadora do processo de ensino-aprendizagem e despertem nos alunos a capacidade de construção individual e coletiva do conhecimento, diante os conteúdos abordados na sala de aula. Dentre os recursos e metodologias de ensino, devem ganhar destaque as que permitam os discentes a saírem do ambiente escolar “comum” e que promovam aulas dinâmicas e interativas com os lugares externos visitados. Para Farina e Guadagnin (2007, p.111):

Sair do ambiente escolar, por si só, gera um efeito geralmente positivo sobre o interesse dos alunos pelo conteúdo. Mas mais do que isso, atividades práticas fora do ambiente escolar são fundamentais no ensino de Geografia, pois permitem ao professor a preposição de questões reais e de importância concreta para os alunos.

Existem outros processos de ensinamentos considerados “não-formais” que estão presentes na vida dos alunos e que não se restringem apenas ao ensino-aprendizagem nas escolas formais. A educação ela ocorre em distintos espaços, tal como cita (Alves, *et. al.* (2020, p. 253):

[...] fica evidente que a educação conforme as literaturas pesquisadas, ocorre em três ambientes diferentes, classificadas como formal que ocorre dentro do âmbito escolar, a informal compreendida como ensino transmitido no seio familiar e social, e o não formal, aquele que ocorre em ambiente não escolares como teatro, museus, jardim botânicos, zoológicos, parques nacionais, entre outros.

Dessa forma, fica evidente que é viável o desenvolvimento de atividades externas ao ambiente escolar e metodologias que valorizem o deslocar-se da sala de aula, para que proporcionem aos alunos a construção de conhecimento, aprendizagem significativa e capacidade de assimilação com os conteúdos curriculares e tornem as aulas atrativas, abrangentes e inovadoras. Logo, o professor por meio da utilização dessa estratégia didática poderá tornar a aula mais dinâmica, que foge da “mesmice” e facilita a compreensão da ciência geográfica por parte dos discentes.

Portanto, se faz necessária uma reflexão sobre as possibilidades metodológicas que o sair da sala de aula pode oferecer. Deve ganhar destaque os benefícios que o “Estudo do Meio” e o “Turismo Geoeducativo” podem exercer sobre o ensino de Geografia nas escolas, bem como, a sua contribuição na produção do conhecimento geográfico dos alunos, que tem como propósito utilizar os espaços de vivências e entorno dos discentes como alternativa de aproximar a prática da teoria.

O Estudo do Meio (EM) pode ser utilizado como proposta de metodologia de ensino de Geografia nas escolas. Essa atividade pedagógica permite aos educandos a possibilidade do contato direto com as realidades específicas que será estudado, ampliando o seu censo investigativo, realização de atividades fora do ambiente escolar que harmonizam teoria e prática. Favorecendo também o desenvolvimento do ensino-aprendizagem, aproximando alunos e docentes. De acordo com Pontuschka (2004, p. 260):

O meio é uma Geografia viva. A escola, o córrego próximo, a população de um bairro, o distrito industrial, um parque, uma reserva florestal, um *shopping*, um hipermercado, a chácara vizinha são elementos integrantes de um espaço, que podem ser pontos de partidas para uma reflexão. Em um primeiro momento, pode-se “descrever”, utilizando os referenciais vivos para localizá-los; no entanto, é preciso ir além. Em qualquer lugar escolhido para realizar um estudo do meio, há o que ver, há o que refletir em Geografia, pois não existem lugares privilegiados, não há lugares

pobres. É preciso saber “ver”, saber “dialogar” com a paisagem, detectar os problemas existentes na vida de seus moradores, estabelecer relações entre fatos verificados e o cotidiano do aluno.

Para se obter resultados positivos na realização de atividades exteriores a sala de aula, os professores devem seguir restritamente um planejamento consistente, com objetivos e metas pré-definidas, para que não seja levado em conta apenas o ato de sair do ambiente escolar. O EM como proposta metodológica deve propiciar nos discentes a ascensão de um sujeito não apenas observador de determinadas realidades, mas que este seja participativo e investigador no ambiente em que está imerso e em suas situações cotidianas.

Outra opção metodológica além do Estudo do Meio é o Turismo Geoeducativo, que surge como uma alternativa eficaz no rompimento da visão fechada de “sala de aula” e do ensino engessado de Geografia. Essa forma de Turismo não está ligada propriamente a uma função econômica ou de propiciar viagens de lazer, aventura, sol/praias e entretenimento.

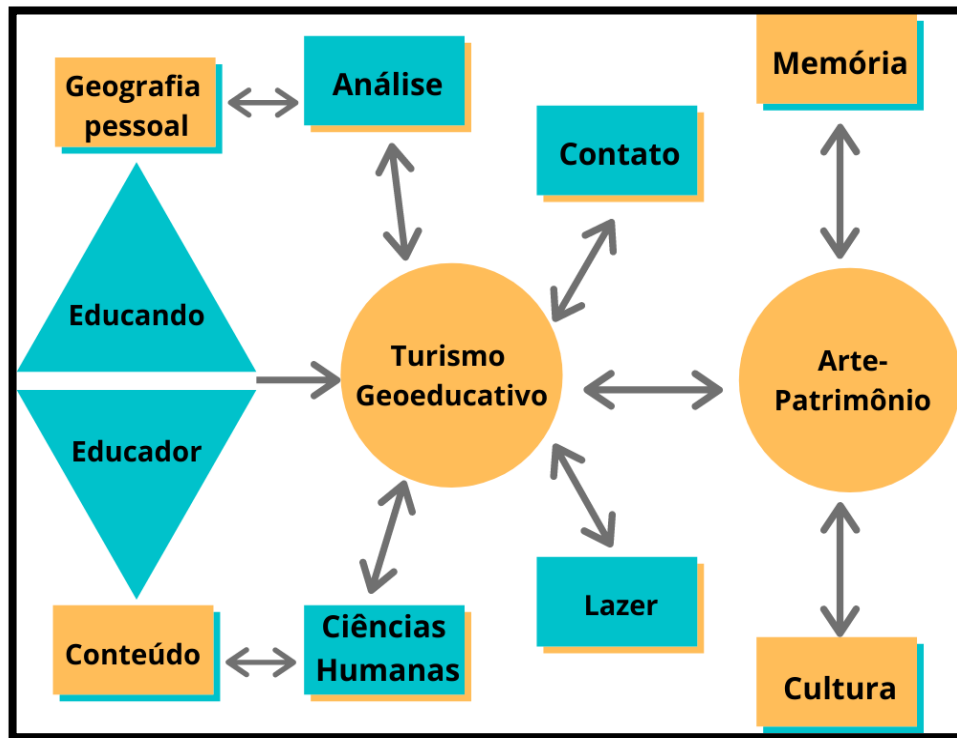
O Turismo Geoeducativo destoa desses tipos de turismo que foram apresentados, pois é realizado com fins educativos, práticos e técnicos do estudo geográfico. Tendo como foco principal levar os estudantes a visitarem locais fora do seu ambiente escolar tradicional, no intuito de promover a sistematização de conceitos geográficos e dinâmicas socioespaciais presente em cada ambiente visitado.

O Turismo Geoeducativo segue em contramão ao que é imposto pelos padrões econômicos da atividade turística, que visam majoritariamente os gastos realizados pelos visitantes em cada local. Segundo Oliveira (2006, p.45), “não é um turismo que se pauta pelos gastos fornecidos por cada hóspede visitante. Simplesmente porque, filosoficamente falando, no meio ambiente todo ser humano, todo cidadão é um hóspede”. Desse modo Oliveira (2014 *apud*, FERNANDES *et.al* 2020, p.4) acrescenta que:

O Turismo Geoeducativo trata de viagens e aulas externas com foco aos estudos do meio, bem como entender elementos, perceber o lugar e desenvolver a análise técnica das informações naturais e/ou patrimoniais. Através disso podemos rematerializar a cultura na comunicação, para que possamos compreender os símbolos do imaginário geográfico, sejam eles locais ou regionais, formando focos transdisciplinares capazes de encenar paradigmas institucionais.

Na figura 1, está bem exemplificado a dimensão em que o turismo geoeducativo está imerso e a delimitação de seu campo de atuação, com ênfase nas conexões que são geradas por meio desta atividade em paralelo com a arte-patrimônio.

Figura 1: Turismo Geeducativo



Fonte: FERNANDES *et. al* (2020, p.4)

Se faz necessário que o professor planeje antecipadamente o roteiro Turístico Geeducativo que será executado com os alunos, como também os conteúdos que serão abordados durante o trajeto de visitação, para que assim possa atingir resultados positivos desta metodologia didática. Para que o Turismo seja utilizado e incorporado nos currículos escolares, é necessário que os docentes e instituições de ensino estejam abertos ao diálogo com as diferentes ferramentas de aprendizagem. Existe a necessidade de estudos e trabalhos científicos que venham desmistificar o fenômeno do Turismo e as possibilidades didático-pedagógica que o mesmo tende a desencadear no cotidiano escolar. De maneira que os docentes possam alinhar a sua prática de ensino e correlacionar a teoria/prática na visita dos diferentes lugares, levando em consideração as múltiplas capacidades de inovação que o Turismo tende a influenciar no ensino geográfico.

Dessa forma, a Geografia escolar deve estar unida ao turismo, pois isso permitirá uma série de possibilidades de articulação e diálogo entre temas importantes, tais como: meio ambiente, cidadania, cultura, ecologia e relações sociais, podendo ser construída uma proposta de desenvolvimento do turismo no ensino básico, a partir do conhecimento do turismo local/regional e assim possa-se construir um diálogo com outras disciplinas escolares de áreas tradicionais do conhecimento. Bem como fomentar a união permanente entre escola e comunidade e conseqüentemente escola-mundo.

Uma prática que deve estar em sintonia com os currículos escolares é o ensino da educação patrimonial, uma vez que ela permite aos indivíduos maior compreensão do espaço geográfico em que estes se encontram inseridos. Bem como, torna-se uma ferramenta fundamental de valorização a pluralidade cultural, que contemple não apenas seus patrimônios materiais, mas também valorizem os bens intangíveis/imateriais, de cada localidade. Conforme descreve Gondim (2019, p.64):

A educação para o patrimônio é necessária para a preservação e divulgação do patrimônio, potencializando sua carga simbólica e os valores para a comunidade ou grupo em questão, preservando culturas nacionais, mas também enfatizando o simbolismo regional e local, resgatando a singularidade de cada localidade.

Nesse contexto, é necessário trazer a definição de patrimônio segundo a legislação brasileira, para melhor compreender os seus tipos e significados. De acordo com o artigo 216 da Constituição Federal de 1988:

Art.216: Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. (BRASIL, 1988, cap. III, art. 216).

Sobre isso, o Turismo Geoeducativo pode ser considerado um dos propulsores da valorização patrimonial, a qual possibilita a promoção dos alunos em cidadãos engajados sobre questões sociais do ambiente que eles estão inseridos. O entendimento sobre o patrimônio, promoverá nos discentes o senso de pertencimento, identidade e reconhecimento das representações coletivas atribuídas ao tempo e a história.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste tópico será realizado a caracterização do polo turístico Serras do Agreste Potiguar, área deste estudo, com informações geográficas de localização, delimitação territorial e distribuição populacional dos municípios que compõem o polo turístico, dando ênfase a caracterização geoambiental das SAP, a partir do seu relevo, hidrografia, clima, flora e fauna. Será apresentado também a proposta de roteiro de atividades de turismo geoeducativo nas serras do agreste potiguar.

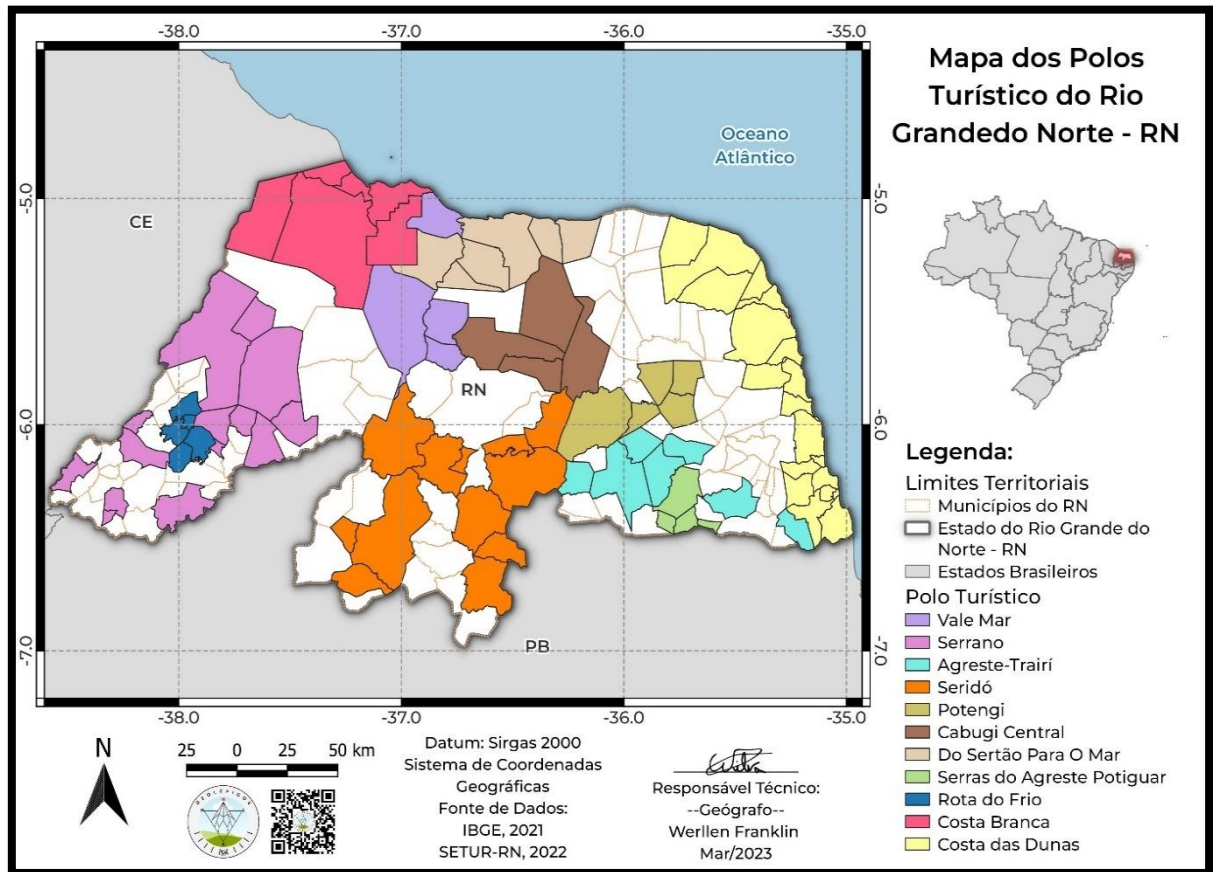
3.1 DESCRIÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2023) o estado do Rio Grande do Norte (RN) está localizado na região Nordeste brasileira e possui grande diversidade de regiões turísticas, sendo elas distribuídas em 11 polos: Agreste/Trairí, Polo Costa Branca, Costa das Dunas, Seridó, Do Sertão para o Mar, Potengi, Cabugi Central, Rota do Frio, Vale Mar e as Serras do Agreste do Potiguar, as quais encontram-se inseridas e integradas no Sistema de Mapa do Turismo Brasileiro (Sis-Mapa). O Ministério do Turismo (2017), detalha a importância e composição mapa do turismo:

O Mapa é o instrumento instituído no âmbito do Programa de Regionalização do Turismo que orienta a atuação do Ministério do Turismo no desenvolvimento das políticas públicas. É o Mapa do Turismo Brasileiro que define a área - o recorte territorial - que deve ser trabalhada prioritariamente pelo Ministério. (BRASIL, MTur, 2017).

Cerca de 81 municípios são distribuídos nos 11 polos/regiões turísticas do RN, visando o fortalecimento da regionalização e descentralização do turismo no Estado, tal como está ilustrado no mapa 01 abaixo:

Mapa 01: Polos Turísticos do Rio Grande do Norte



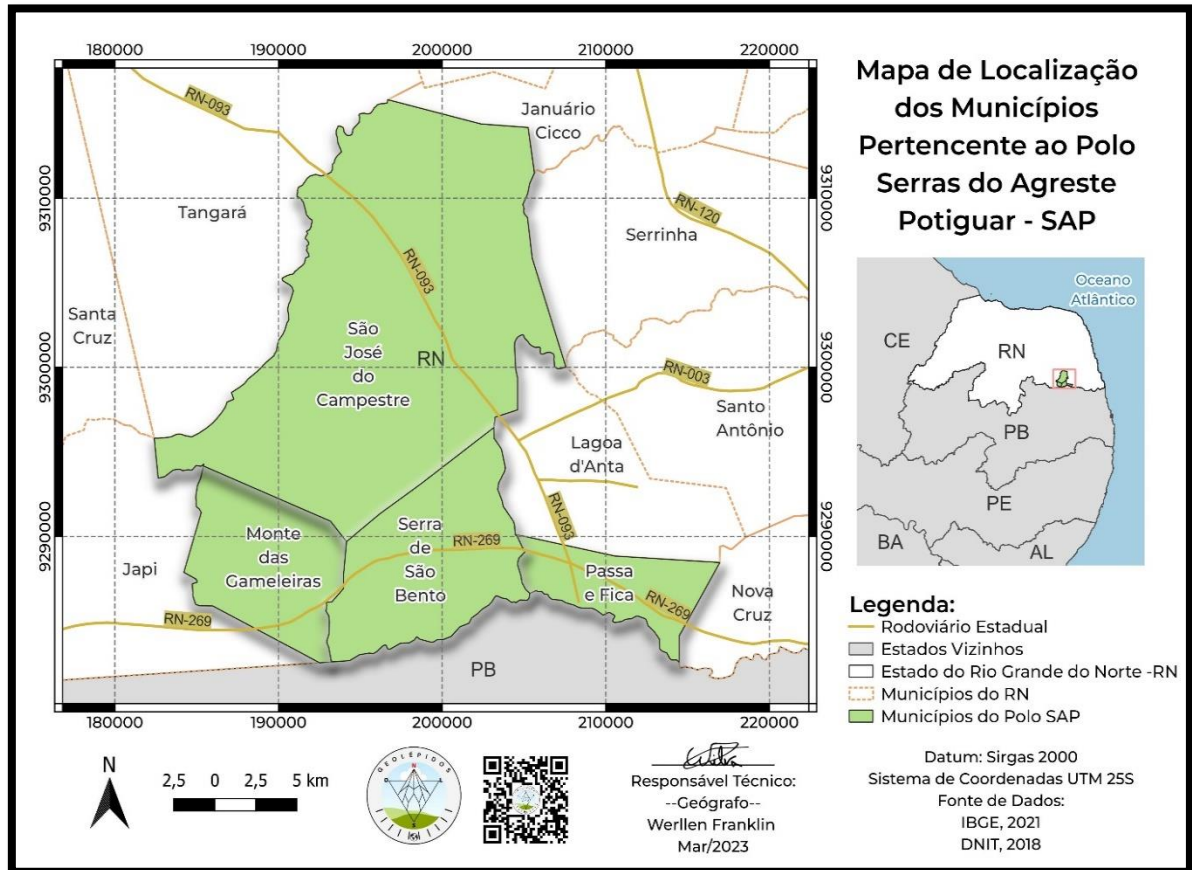
Fonte: Elaboração: Werllen Franklin, 2023.

De acordo com mapa do turismo brasileiro (2023) o polo Serras do Agreste Potiguar (SAP) se estende pelos municípios potiguares de Monte das Gameleiras, Passa e Fica, Serra de São Bento e São José do Campestre (Mapa 02). Tais municípios vem ganhando destaque através de seus atrativos (culturais e naturais) pelas suas belezas cênicas e sua rica biodiversidade¹ e geodiversidade². Esses municípios, constituem destino alternativo ao tradicional litoral potiguar no modelo sol e mar.

¹ Segundo o Worldwide Fund for Nature (WWF) / Fundo Mundial para a Natureza (FMN) o termo biodiversidade - ou diversidade biológica - descreve a riqueza e a variedade do mundo natural. As plantas, os animais e os microrganismos fornecem alimentos, remédios e boa parte da matéria-prima industrial consumida pelo ser humano (WWF, 2023)

² O conceito de Geodiversidade funciona como um contraponto ao de Biodiversidade, sendo o equivalente a variedade de natureza abiótica (MEIRA E MORAIS, 2017, p. 131).

Mapa 02: Localização dos Municípios pertencentes ao polo turístico Serras do Agreste Potiguar (SAP)



Fonte: Werllen Franklin, 2023.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) na prévia do Censo Demográfico 2022, a população total residente nas SAP era de 32.566 habitantes, entre 551,836 km² de extensão. O quadro 01 contempla a distribuição populacional dos municípios que compõem o Roteiro, bem como a extensão territorial dos mesmos e suas respectivas porcentagens.

Quadro 01: Prévvia da População dos Municípios que compõem as SAP.

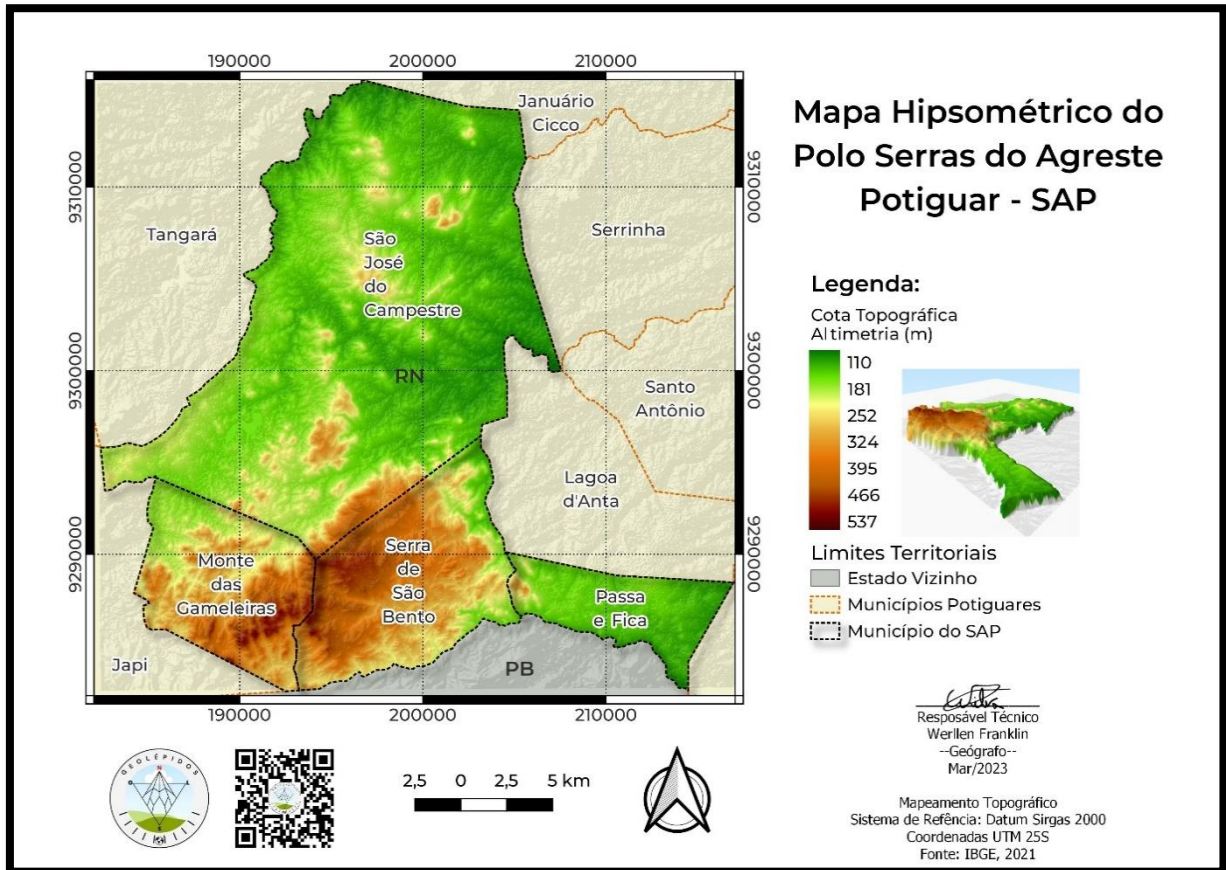
MUNICÍPIO	EXTENSÃO TERRITORIAL KM ²	PERCENTUAL (%) KM ² DA SAP	POPULAÇÃO	PERCENTUAL (%) DA SAP
Monte das Gameleiras	71,946	13,03	2.277	6,99
Passa e Fica	42,137	7,63	10.892	33,44
São José do Campestre	341,115	61,81	13.691	42,04
Serra de São Bento	96,628	17,51	5.706	17,52
TOTAL	551,836	100%	32,566	100%

Fonte: Elaborado pelo autor com base na prévvia do censo 2022, IBGE.

Os municípios estão localizados na Região Geográfica Intermediária de Natal e na Região Geográfica Imediata de Santo Antônio-Passa e Fica-Nova Cruz. Estando inserido nos limites territoriais com o estado vizinho da Paraíba, o que lhes confere uma posição geograficamente estratégica. Com acesso a partir de Natal, distante aproximadamente 105 km, através das rodovias asfaltadas BR-226, RN-093 e RN-269. Ao seguir de João Pessoa-PB, separada em torno de 140 km, com acesso por meio das Rodovias PB-071 e RN-269.

Os municípios estão inseridos entre dois grandes compartimentos morfológicos estruturados a Depressão Sertaneja e o Planalto da Borborema, apresentando uma extensa área de relevo suave ondulado e pontos de elevada altimetria, sobretudo nos municípios de Serra de São Bento e Monte das Gameleiras (DANTAS, 2021). As médias altimétricas variam de 110 a 537 metros de altitude (mapa 03) que abrange desde as superfícies elevadas e relativamente planas, até os setores que ocorrem a depressão periférica e interplanares.

Mapa 03: Mapa hipsométrico do Polo Turístico SAP

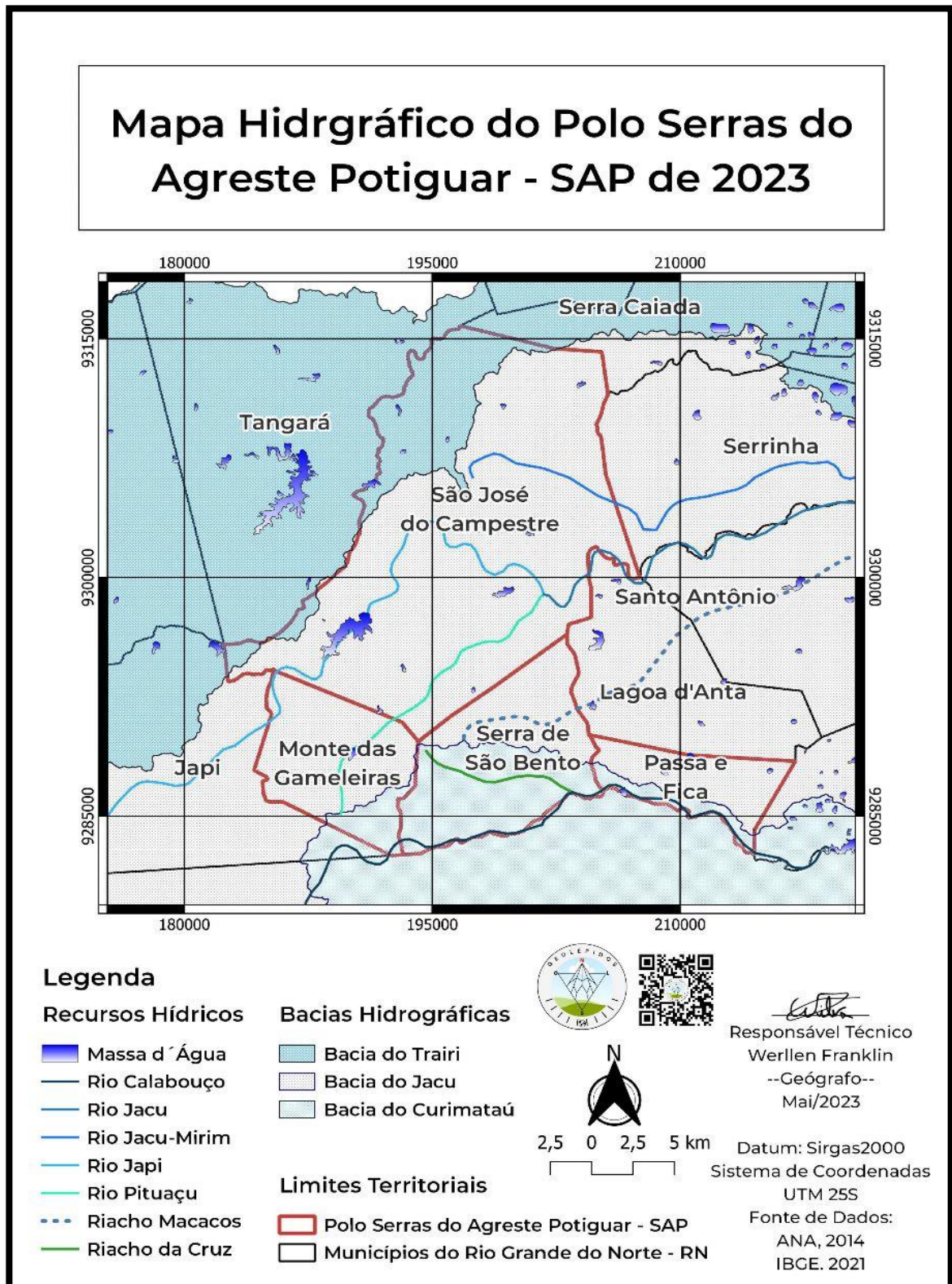


Fonte: Werllen Franklin,2023.

O clima que predomina no SAP é o semiárido, quente/seco no verão e úmido/frio no inverno, com períodos de estação de chuvas irregulares e baixos índices pluviométricos anuais. Nesse contexto, o período chuvoso varia de março a julho, fator determinante nas paisagens e natureza da referida região deste estudo. A luminosidade é bem elevada, ficando em torno de 2.400-2.700 horas de insolação por ano (CPRM,2005). Essas temperaturas médias anuais variam entre a mínima de 18° e a máxima de 32° (CPRM,2005), ou seja, os municípios de Serra de São Bento e Monte das Gameleiras são favorecidos por ter um clima ameno devido a influência da altitude.

O polo turístico SAP encontra-se inserido na Bacia hidrográfica dos rios Trairi, Jacu e Curimataú, seus principais tributários são os rios: Calabouço, Japi, Jacu-Mirim e Pituaçu; e os riachos da Cruz e dos macacos (mapa 4).

Mapa 4: Mapa Hidrográfico do Polo Turístico SAP



Fonte: Werllen Franklin.

A vegetação presente nas SAP é predominantemente do Bioma “Caatinga”, nomenclatura de origem tupi-guarani, que significa “mata ou floresta branca” (SENA, 2011).

Essa expressão faz referência a cor esbranquiçada nos troncos de árvores e plantas, sobretudo no período de estiagem (estação seca). No entanto, com a chegada da estação chuvosa a vegetação muda bruscamente de aparência e a coloração de tons verde predominam nas paisagens. Nesse contexto, os índices pluviométricos exercem total influência na mudança das paisagens semiárida, pois a vegetação está condicionada diretamente ao período de abundância de chuvas ou estiagem. Na figura (02) podemos observar a diferença visual na vista do Mirante alto de terra da timbaúba, localizado na cidade de Passa e Fica – RN, região agreste potiguar.

Figura 2: Paisagem no período chuvoso (A) e seco (B).



Fonte: Acervo de pesquisa, 2019.

Quanto a fauna das SAP é possível identificar grande diversidade biológica, composta principalmente por animais de pequeno porte adaptados as condições climáticas do semiárido. Dentre as principais espécies que vivem nesta região, se destacam os seguintes animais: Tatu peba (*Euphractus sexcinctus*), preá (*Cavia aperea*), tivaçu (*Tupinambis merianae*), timbu (*Didelphis*) galo de campina (*Paroaria dominicana*) gavião – carcará (*Caracara plancus*), Calango (*Tropidurus torquatus*) dentre outros.

3.2 ROTEIRO DE ATIVIDADES DE TURISMO GEOEDUCATIVO NAS SERRAS DO AGRESTE POTIGUAR

As SAP apresentam condições favoráveis ao desenvolvimento do Turismo Geoeducativo, tendo em vista a variedade de atrativos naturais e culturais que possuem, e por concentrar também uma abundante biodiversidade e geodiversidade em seu território. No quadro 02 abaixo, podemos identificar os principais atrativos de cada município e suas tipologias

Quadro 02: Potencialidades Geoeducativas e suas tipologias.

MUNICÍPIO	POTENCIALIDADE	TIPOLOGIA
Passa e Fica	Casa do Artesão Celma Lisboa	Atrativo Cultural
Passa e Fica	Mirante Alto de Terra da Timbaúba	Atrativo Natural
Passa e Fica	Parque das Algarobas	Atrativo Natural
Passa e Fica	Balé Popular Terras Potiguares	Atrativo Cultural
Passa e Fica	Cia de Dança e Cultura Popular Macambiras	Atrativo Cultural
Passa e Fica	Serra dos Cocos	Atrativo Natural
Passa e Fica	Passagem Molhada – Rio Calabouço	Atrativo Natural
São José do Campestre	Casa de Cultura Popular, Palácio “Borborema Potiguar”	Atrativo Cultural
São José do Campestre	Matriz de São José	Atrativo Cultural
São José do Campestre	Mirante Alto do Cruzeiro Frei Damião	Atrativo Natural
São José do Campestre	Grupo de Xaxado - Filhos do Cangaço	Atrativo Cultural
São José Do Campestre	Sítio Arqueológico Casa de Pedra	Atrativo Histórico/Cultural
Monte das Gameleiras	Mirante Natural Alto do Cruzeiro	Atrativo Natural
Monte das Gameleiras	Pedra da Mesa	Atrativo Natural
Monte das Gameleiras	Sítio Arqueológico Pedra da Pintada.	Atrativo Histórico/Cultural
Monte das Gameleiras	Pedra da Caridade	Atrativo Natural
Monte das Gameleiras	Tanque da Agripina	Atrativo Natural
Monte das Gameleiras	Igreja São Sebastião	Atrativo Cultural
Monte das Gameleiras	Letreiro Turístico – Monte das Gameleiras	Atrativo Natural

Serra de São Bento	Praça do Turista	Atrativo Cultural
Serra de São Bento	Casa do Artesão Serrabentense	Atrativo Cultural
Serra de São Bento	Igreja Matriz de São Bento Abade	Atrativo Cultural
Serra de São Bento	Capela de São José	Atrativo Cultural
Serra de São Bento	Mirante Público	Atrativo Natural
Serra de São Bento	Trilha do Cânion Dourado	Atrativo Natural

Fonte: Elaborado pelo autor, 2023.

Os roteiros de Turismo Geoeducativo que aqui serão propostos, não devem ser interpretados como um padrão ‘completo e exato’ a serem seguidos, pois essa proposta didática é flexível e está sujeita a adaptações segundo a realidade local de cada instituição escolar. Os professores podem desenvolver sua autonomia e acrescentar seus próprios roteiros, como também criar canais de diálogo interdisciplinares entre a Geografia com as demais disciplinas escolares. No entanto, os docentes devem definir de forma antecipada quais os objetivos e habilidades que serão trabalhados durante a aula, tal como devem conhecer de forma prévia os locais que serão visitados posteriormente pelos alunos.

Os roteiros contemplam os atrativos turísticos de cada município das SAP, com espaços que podem ser visitados em um dia, a depender da proposta que será seguida. Será apresentado também proposições de roteiros individuais das cidades e o regional que contempla todos os municípios das SAP. Dependendo do local a ser visitado e quantidade de alunos, o meio de transporte pode ser carro de passeio, vans e ônibus, com paradas e percursos de caminhada durante os trajetos.

Devem ser analisado locais que possam incluir os alunos com comorbidades ou deficiências, mediante a realidade de cada escola, para que assim todos sejam inclusos nas atividades. A escola deve disponibilizar água, lanches e demais materiais de apoio que serão consumidos e utilizados durante as atividades, caso não seja possível deve-se orientar previamente os discentes a trazerem esses itens.

3.2.1 Roteiro Passa e Fica – RN

Parada 1 - Casa do Artesão Celma Lisboa

Cultura: O roteiro no município de Passa e Fica terá início com a visita da Casa do Artesão Celma Lisboa, inaugurada no ano de 2003, estando localizada na AV. Celso Lisboa, N° 1307, Centro. Poderá ser solicitado a coordenadora ou membro da instituição, a apresentação das principais modalidades de artesanato que são confeccionados pelos artesãos da cidade.

Figura 3: Interior da Casa do Artesão Celma Lisboa



Fonte: Acervo de pesquisa, 2023.

Nesse ensejo, é possível analisar a história e o desenvolvimento da arte do *frivolité*³ (Figura 4) no município de Passa e Fica -RN, que está presente desde a emancipação política da cidade e pode ser considerado um bem patrimonial que vem sendo preservado pelas gerações de artesãos locais. Ressaltando que a cidade é conhecida como “Terra do Frivolité” e assim é considerada a única cidade do estado do RN dentre os mais de 166 municípios, a conservar esta preciosa arte feita de forma manual.

³ Segundo Cantarelli et. al. (2016, p.175-176) o termo *frivolité* possui na sua origem certa indefinição, no entanto é aceito como sendo de origem francesa que vem de frivolidade. Na Inglaterra, *frivolité* é chamado de “tattooing”. Silva (2013, p.53) acrescenta que “a produção de renda artesanal é um trabalho árduo porque demanda tempo, exige rigor técnico, habilidade e destreza manual”.

Figura 4: (a) arte do Frivolitê; (b) artesã confeccionando o frivolitê; (c) navete (instrumento utilizado para laçar os nós)



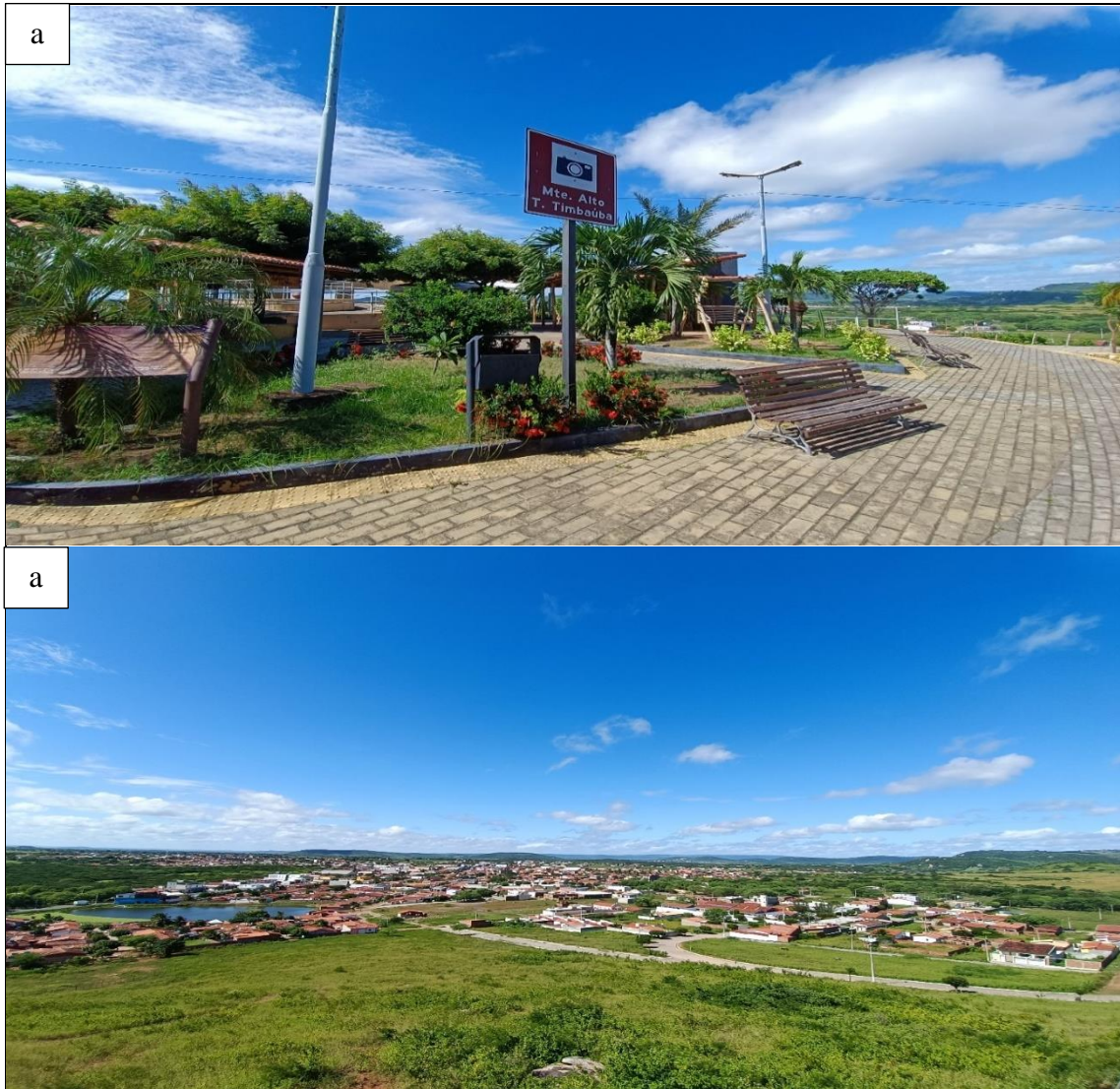
Fonte: Acervo de pesquisa.

Economia: Elucidar aos alunos que a comercialização do artesanato para os turistas, visitantes e moradores locais é uma importante fonte de emprego e renda para os artesões, que movimentam a economia municipal e estimulam o empreendedorismo individual e coletivo.

Parada 2 – Mirante Alto de Terra da Timbaúba

Paisagem: O mirante (Figura 5) está localizado em um dos pontos mais altos do município, que permite aos alunos usufruírem de paisagens naturais, com vista panorâmica para a cidade de Passa e Fica e mais sete cidades do entorno.

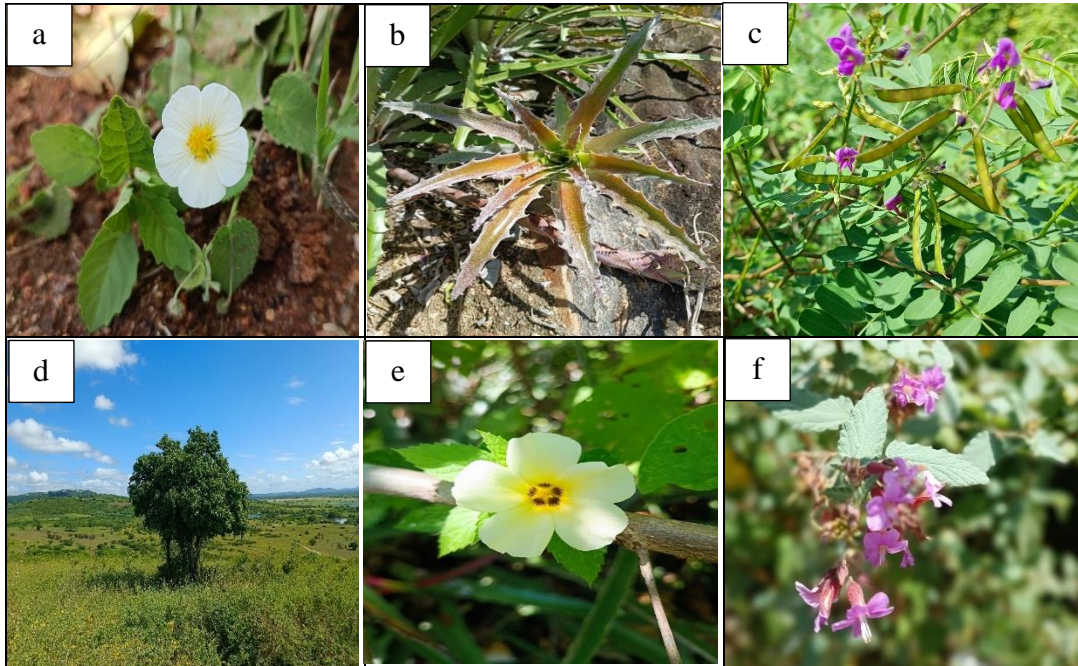
Figura 5: Mirante Alto de Terra da Timbaúba: (a) entrada do Mirante; (b) visão panorâmica para a cidade de Passa e Fica -RN.



Fonte: Acervo de pesquisa, 2023.

Flora: Neste local é possível observar a mudança da vegetação da caatinga ocasionadas pelo período de estiagem ou abundância pluviométrica. É possível identificar nas dependências ou proximidades do mirante algumas espécies herbáceas, arbustivas e arbóreas, dentre elas algumas nativas da Caatinga (Figura 06).

Figura 6: Espécies vegetais que podem ser encontradas no mirante: (a) malva-de-bode (*herissantia tiubae*); (b) macambira (*Bromelia laciniosa*); (c) (*Tephrosia cinerea*); (d) (*Ziziphus joazeiro*); (f) flor de frecheiro (*Melochia tomentosa*).



Fonte: Acervo de pesquisa, 2023.

Telecomunicações: Devido a altitude em que está localizado o mirante, diversas empresas de telecomunicações instalaram no local torres metálicas (Figura 7) de telefonia fixa, móvel e internet via rádio. Aqui poderá se dialogar sobre temas presentes no cotidiano dos alunos, tais como: o uso de equipamentos tecnológicos, redes móveis (2G, 3G e 4G) em celulares, tablets e computadores.

Figura 7: Torre de rede móveis

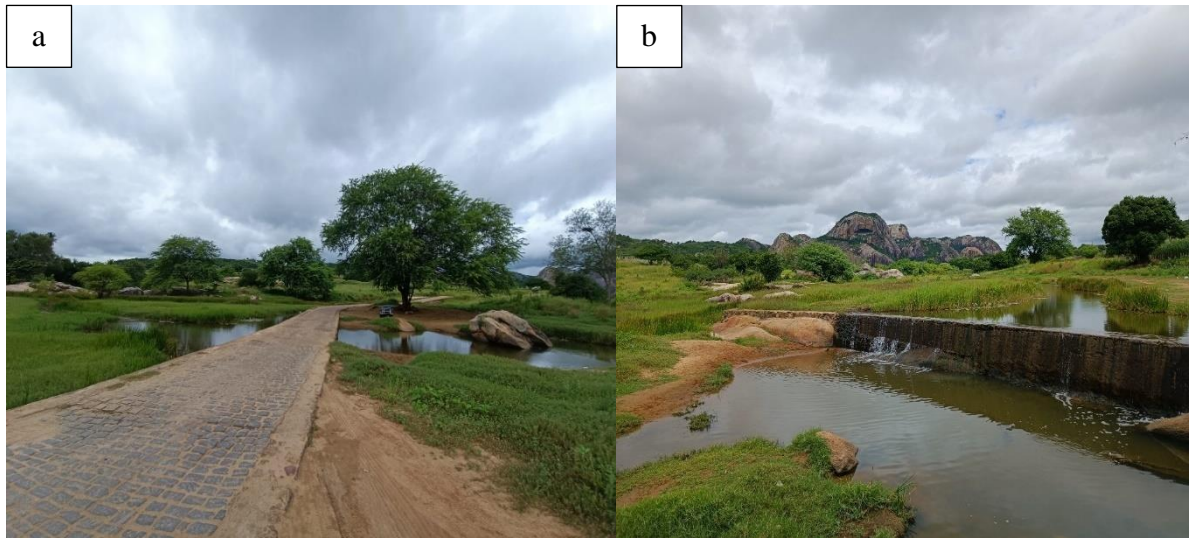


Fonte: Acervo de pesquisa, 2023.

Parada 3 – Passagem molhada

Hidrografia: Neste local os alunos poderão observar a Passagem Molhada que dá acesso ao estado da Paraíba onde passa o leito do Rio Calabouço (Figura 8) este que é considerado um dos principais afluentes da bacia hidrográfica do rio Curimataú.

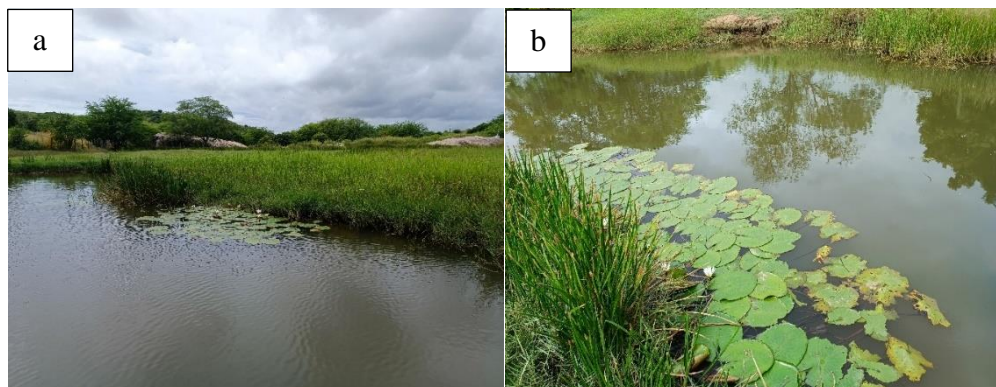
Figura 8: (a) Passagem molhada – acesso a PB; (b) leito do Rio Calabouço.



Fonte: Acervo de pesquisa, 2023.

É importante esclarecer que o regime fluvial deste rio é intermitente, onde o volume de água maior corre apenas na estação chuvosa. Por conseguinte, o docente deva apresentar a flora aquática do rio e sua importância para manutenção do ecossistema aquático (Figura 9).

Figuras 9: (a e b) plantas aquáticas no Rio Calabouço.



Fonte: Acervo de pesquisa, 2023.

Se faz necessário ressaltar aos alunos que o rio Calabouço desempenha a função de divisa natural entre o estado da Paraíba e o Rio Grande do Norte, mencionando a importância deste corpo hídrico para a população que reside nas suas margens e cidades do entorno. É possível identificar junto aos alunos os possíveis locais de degradação nas margens do rio e o prejuízo dos descartes irregulares de lixo sólido no rio (Figura 10), diante disso, o professor pode fomentar nos alunos a conscientização e interesse sobre as questões ambientais.

Figura 10: Resíduos sólidos jogados no curso do rio.

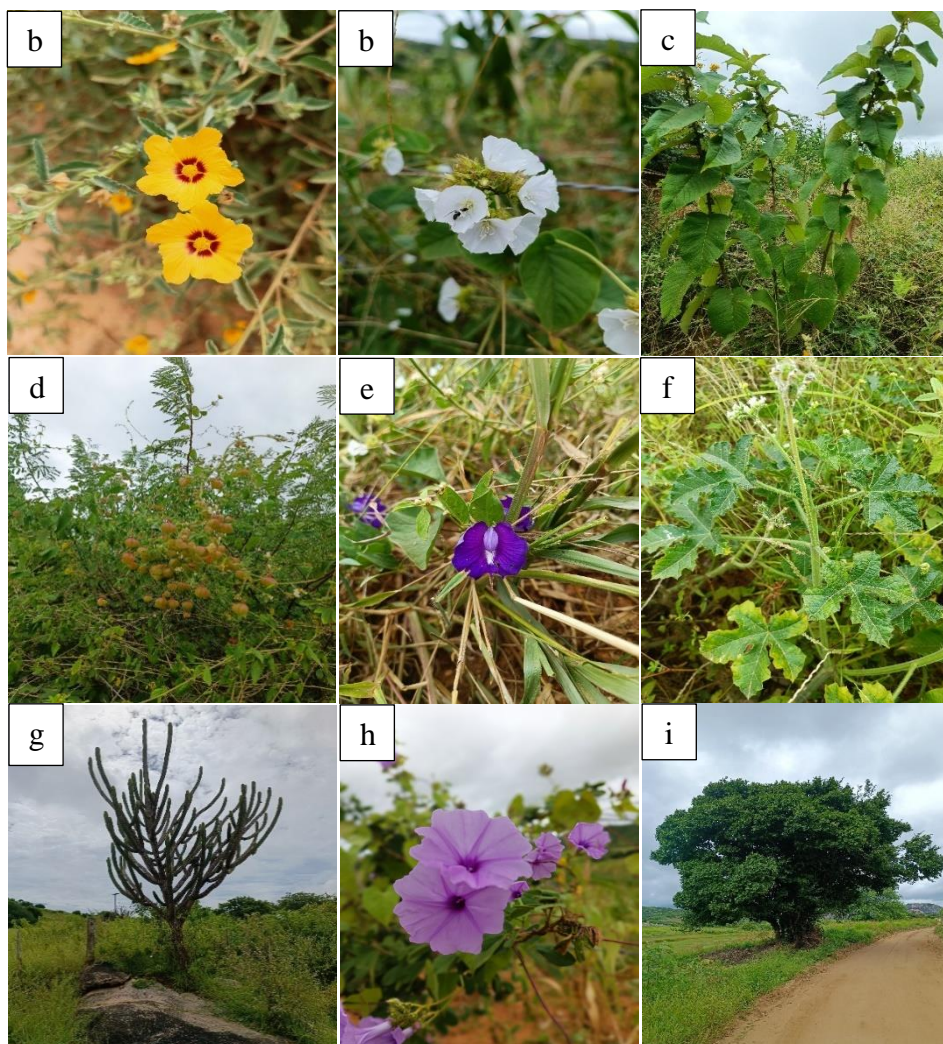


Fonte: Acervo de pesquisa, 2023.

Mata Ciliar: É importante conscientizar aos alunos a importância da manutenção da mata ciliar nas proximidades do rio para a retenção de sedimentos, conservação da biodiversidade e manutenção da qualidade dos cursos d'água.

Flora: O professor pode iniciar apresentando as características da flora encontrada na Caatinga, com a diferenciação das espécies arbustivas, herbáceas e arbóreas, com destaque aos períodos de adaptações na estiagem e de floração no período chuvoso. Mencionando a importância de conservação e preservação deste domínio morfoclimático, que ano a ano vem sofrendo por causa das ações antrópicas de desmatamento, degradação, queimadas e uso inadequado de seus recursos naturais. Com ajuda de um guia local e um professor de biologia, o docente de Geografia pode mediar o diálogo com os alunos e juntos identificar as espécies nativas que surgirem durante o percurso de caminhada na margem direita do rio Calabouço (território do RN), sendo possível identificar várias espécies vegetais (Figura 11).

Figura 11: Espécies vegetais que podem ser encontradas nas proximidades do Rio Calabouço: (a) Malva laranja (*Sida galheirensis*); (b) amarra cachorro (*Jacquemontia tamnifolia*); (c) marmeleiro (*Croton blanchetianus*); (d) balãozinho (*Cardiospermum halicacabum*); (e) Clitória (*Clitoria ternatea*); (f) urtiga (*Cnidocolus urens*); (g) facheiro (*Pilosocereus pachycladus*); (h) corda de viola (*Ipomoea acuminata*); (i) juazeiro (*Ziziphus joazeiro*).



Fonte: Acervo de pesquisa, 2023.

Geoformas: Neste ponto pode ser enfatizado a Geologia que está presente no local, apresentando aos discentes o conceito de “Geoformas”. Destacando a Pedra da Boca, um afloramento rochoso que dá nome a reserva ecológica e ambiental no território da PB, visto como principal atrativo turístico dos municípios adjacentes ao parque.

3.2.2 São José do Campestre

Parada 1 – Igreja Matriz de São José

Religiosidade: Neste roteiro, é importante promover um diálogo interdisciplinar com os docentes de história, filosofia e ensino religioso, com o objetivo de ampliar o conhecimento dos

alunos acerca do local visitado. Pode ser convidado um representante da Paróquia para proporcionar visita guiada com os alunos, relatando a história da edificação do templo católico no município, as características arquitetônicas (internas e externas), imagens sacras presentes no interior da igreja, significados, curiosidades e elementos que constituem a igreja/paróquia dedicada a São José (Figura 12).

História: Nesta parada poderá se enfatizar a história e o desenvolvimento da cidade de São José do Campestre - RN, relatando a influência da Igreja Católica desde a concepção do nome da localidade até o processo de urbanização da cidade.

Espaço e percepção: O professor pode fomentar o entendimento dos espaços religiosos nos alunos e levá-los a ‘observação, interpretação, percepção e abstração’ destes locais, com reflexões sobre a dimensão simbólica e cultural que estão arraigadas nestes ambientes, não limitando-se ao aspecto material.

Figura 12: (a) fachada da Igreja; (b) nave central (b); (c) altar da Matriz de São José.



Fonte: Acervo de pesquisa, 2023.

Parada 2 – Mirante Alto do Cruzeiro Frei Damião

Paisagem: Neste local os alunos podem contemplar a visão panorâmica para a o município de São José do Campestre, observar o relevo em que o mirante está situado, visualizar a paisagem irregular e ao fundo identificar a cordilheira formada pelo Planalto da Borborema (Figura 13). O professor pode explicar o conceito das principais formas de relevo e explanar a origem do termo “Borborema” e seus significados.

Figura 13: Visão panorâmica do Mirante Alto do Cruzeiro Frei Damião



Fonte: Acervo de pesquisa, 2023.

Manifestações religiosas: O cruzeiro e o monumento Frei Damião é um ambiente de riqueza imensurável por sua natureza e seus aspectos históricos, culturais e turísticos, sendo um local de visitação, peregrinações, romarias e devoção a Frei Damião de Bozzano. Frequentado pelos fiéis católicos da cidade em que a estátua está localizada e visitantes de municípios circunvizinhos do RN e PB, que vão realizar suas penitências e pagar suas “promessas e votos”.

Neste local “sagrado” aos católicos são deixadas expressões votivas representadas pelo “Ex-voto”, com desenhos, pinturas, modelados de madeira em formato de partes do corpo humano que foram “curadas” pela devoção ao Frei Damião. Na árvore ao lado do cruzeiro, os fiéis devotos e pagadores de promessas depositam os trajes de *São Francisco*, que ao longo do

tempo vão se desgastando (Figura 14). O professor pode questionar se algum aluno conhece a história do frade Capuchinho e sua influência na região nordeste, construindo um diálogo interativo com estes discentes.

Figura 14: Ex-votos deixados pelos fiéis devotos.



Fonte: Acervo de pesquisa, 2023.

3.2.3 Serra de São Bento – RN

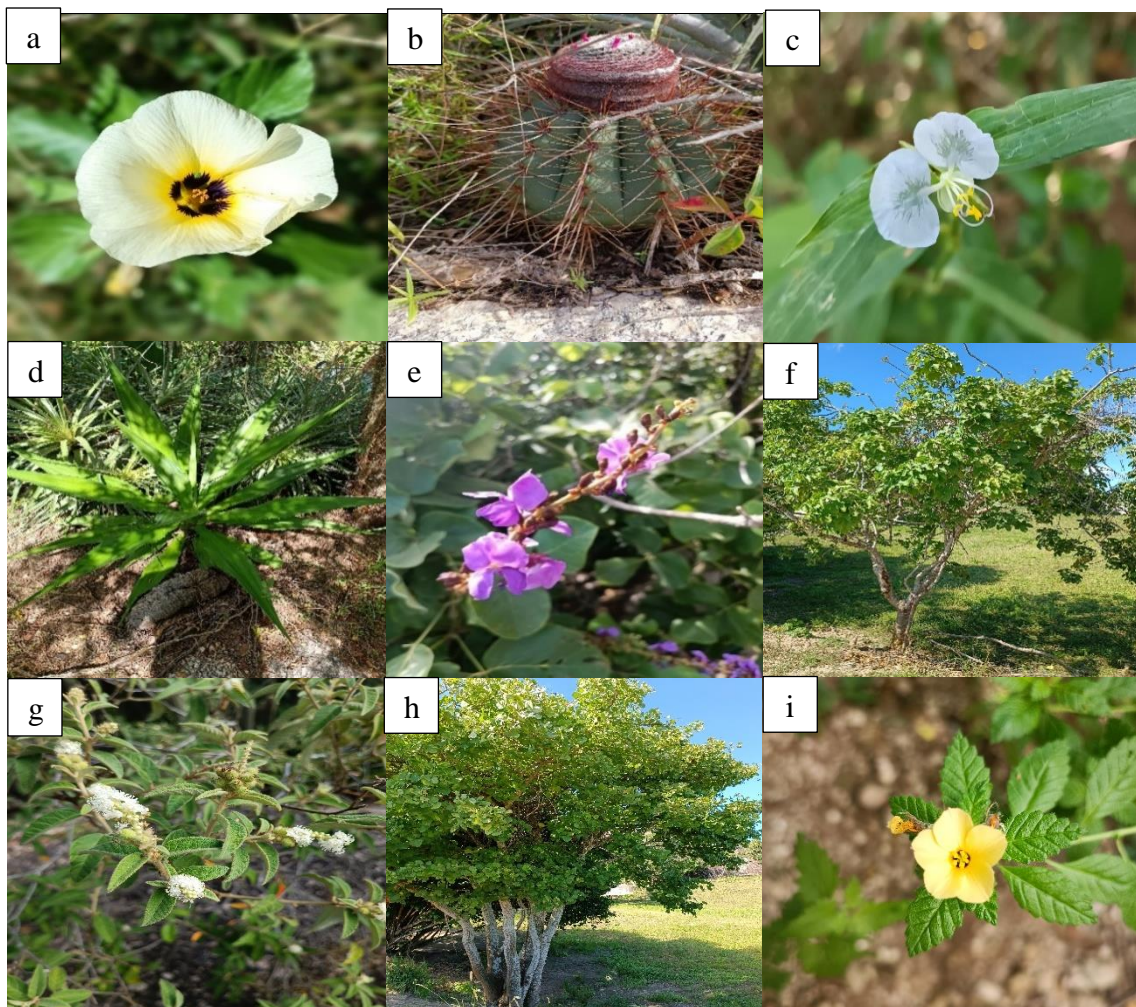
Parada 1 – Trilha do Cânion Dourado

Para realização dessa trilha será necessário o professor em conjunto com a coordenação escolar contatar um guia/condutor local ou regional para dá suporte e guiar a trilha com segurança, bem como enriquecer a experiência através da história e cultura local, aproximando o aluno dos elementos que compõem a paisagem e o meio ambiente visitado. Com auxílio do guia/condutor o professor deve fixar os locais de parada de descanso e apresentação das características geoambientais encontradas ao longo da trilha.

Vegetação: Durante o trajeto da trilha é possível encontrar diversas espécies da vegetação típica da caatinga, tais como: mandacaru, xique-xique, marmeleiro, coroa-de-frade, macambira, velame, xanana, dentre outras espécies (Figura 15). Em meio a vegetação hiperxerófila, podem

ser encontrados resquícios de mata de altitudes, com espécies arbóreas que se destacam pelas copas densas formada pelas suas folhas. Os docentes de Geografia e biologia, podem acrescentar o valor medicinal de espécies encontradas no percurso da trilha, empregadas na medicina popular e fabricação de medicamentos fitoterápicos.

Figura 15: Vegetação encontrada na trilha do cânion dourado: (a) xanana (*Turnera ulmifolia*); (b) coroa-de-frade (*Melocactus bahiensis*); (c) mariana (*Commelina nudiflora*); (d) gravatá (*Furcraea foetida*); (e) olho-de-boi (*Dioclea grandiflora*); (f) pinhão-bravo (*Jatropha molíssima*); (g) velame (*Croton heliotropiifolius*); (h) mulungu (*Erythrina velutina*); (i) damiana (*Turnera scabra*).



Fonte: Acervo de pesquisa, 2023.

Hidrografia: No início da trilha podemos identificar um lago com espécies aquáticas que anualmente é recarregado no período da estação chuvosa (Figura 16). No entanto, se o período de estiagem for prolongado é possível captar a água por meio do “olho d’água” que se forma com a perfuração manual do lençol freático. Nessa parte o professor pode pedir para os alunos

observarem o corpo hídrico e explicar como ocorre o acúmulo e o afloramento intermitente do lençol freático.

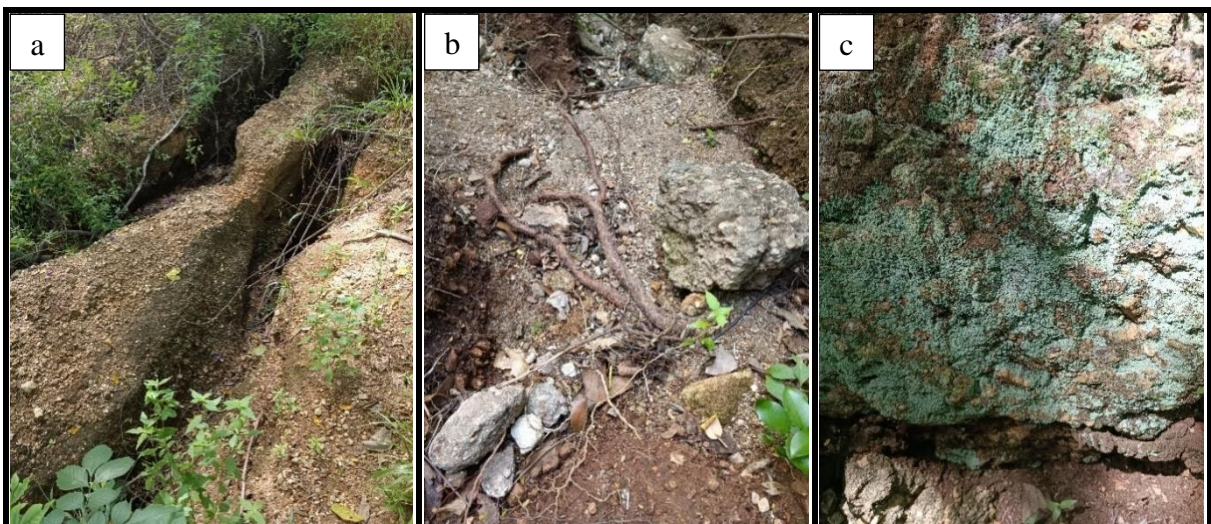
Figura 16: Lago próximo a trilha do cânion dourado



Fonte: Acervo de pesquisa, 2023.

Intemperismo: Na trilha serão identificados alguns pontos de intemperismo químico, físico e biológico. Ao docente de Geografia é interessante promover uma discussão interdisciplinar com os professores de química, física e biologia, interagindo de forma direta com os discentes sobre os processos de transformação do relevo e a influência dos agentes endógenos e exógenos sobre este. No percurso há locais de declives onde a chuva foi erodiu e transportou o solo (Figura 17– a), causando a formação de sulcos verticais sobre o relevo, bem como a presença do intemperismo biológico, causado pela atuação de raízes na de desintegração de blocos de rochas (Figura 17 – b) e o químico causado pelo conjunto de reações químicas (Figura 17 – c).

Figura 17: Formas de intemperismo: físico (a), biológico (b) e químico (c).



Fonte: Acervo de pesquisa, 2023.

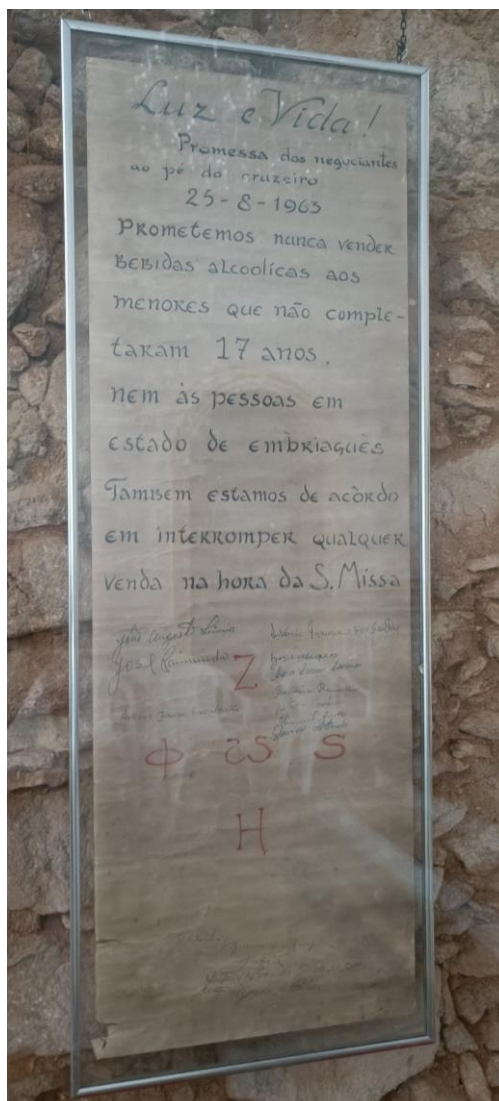
Fauna: Nesta parada poderá ser abordada a temática da biodiversidade presente na trilha do cânion dourado e suas proximidades, dialogando sobre as principais espécies de pequeno porte da caatinga que podem ser identificadas no local, como exemplo: a borboleta cara de velho, andorinha, joaninha, calango, lagartos, dentre outros. O professor pode estimular os alunos a fecharem os olhos e fazerem um momento de silêncio para ouvir e captar as paisagens sonoras do ambiente produzidos pelas aves, pássaros, insetos e do ar nas copas das árvores, apropriando-se do espaço pelo sentido da audição.

Geologia e Geomorfologia: Neste ponto o professor pode distribuir a escala do tempo geológico aos alunos e promover um diálogo construtivo sobre os principais conceitos da geologia e geomorfologia. Posterior a isso, o professor pode questionar os discentes sobre os tipos de afloramentos rochosos que podem ser encontrados no percurso da trilha, suas características físicas e processo de intemperismo natural, biológico e físico que atuam no desgaste destas rochas. O guia local deve acrescentar quais os valores culturais que são agregados aos paredões rochosos, geoformas e símbolos que foram inseridos nestes afloramentos rochosos.

Parada 2 – Igreja Matriz de São Bento Abade

Espaço religioso: Nesta parada o professor deve explicar os valores simbólicos que são atribuídos aos objetos presente no interior na igreja, dentre eles o manuscrito “Luz e Vida”, (datado em 25-08-1963) que foi encontrado no ano de 2012 após a retirada do cruzeiro para realização de sua manutenção. O manuscrito descoberto pela Paróquia fazia menção a uma “promessa” coletiva feita pelos comerciantes locais de não venderem bebida alcoólica aos menores de 17 anos e interromper as vendas que fossem realizadas durante o período da santa missa (Figura 18).

Figura 18: Manuscrito “Luz e Vida” encontrado no ano de 2012.



Fonte: Acervo de pesquisa, 2023.

História: Ao docente é importante fazer uma breve pesquisa bibliográfica anterior ao momento de campo e relatar aos alunos de forma sucinta a história da Igreja São Bento Abade, processo de construção da primeira capela, materiais utilizados para sua edificação, reformas, escolha do padroeiro e sua ligação com o desenvolvimento do município. É importante ainda realizar uma análise sobre a arquitetura da igreja (externa e interna) o período a qual ela pertence, os significados das pinturas coloniais das paredes que foram cobertas por tintas e depois restauradas (Figura 19).

Figura 19: Pinturas coloniais restauradas na Matriz de São Bento Abade



Fonte: Acervo de pesquisa, 2023.

Parada 3 – Casa do Artesão Serrabentense

Artesanato: Neste local os alunos podem ter contato com os principais tipos de artesanatos confeccionados no município de Serra de São Bento – RN (Figura 20) e que estão ligados aos costumes, história e identidade local. O professor deve destacar a influência do comércio de artesanato sobre o desenvolvimento da economia local e preservação dos traços culturais na cidade.

Figura 20: Casa do Artesão Serrabentense: (a e b) diversidade de artesanatos e artes que são comercializadas no local.



Fonte: Acervo de pesquisa, 2023.

Cultura: Podem ser encontrados neste local um museu (Figura 21) que conserva objetos e símbolos históricos pertencentes ao universo nordestino, tais como: máquina de costura manual, pilão, moedor de temperos, chinelo de couro, pote de água, chapéu de palha, fogo dentre outros objetos da cultura nordestina.

Figura 21: Museu com símbolos da cultura nordestina



Fonte: Acervo de pesquisa, 2023.

3.2.4 Monte das Gameleiras – RN

Parada 1 – Letreiro Turístico – Monte das Gameleiras

História: O monumento contém o nome da cidade (Monte das Gameleiras) e se tornou um espaço turístico que atrai a atenção de visitantes, turistas e moradores locais (Figura 22). Nesta parada o professor pode dialogar sobre a toponímia da cidade e fazer referência a mudança de nomenclatura quando o povoado foi elevado à categoria de município.

Figura 22: Letreiro Turístico – Monte das Gameleiras.



Fonte: Acervo de pesquisa, 2023.

Paisagem: Pelo fato de o município apresentar elevadas altitudes, será possível observar uma paisagem serrana com relevo e feições irregulares que circundam a região urbana do município, sustentando belezas cênicas naturais únicas.

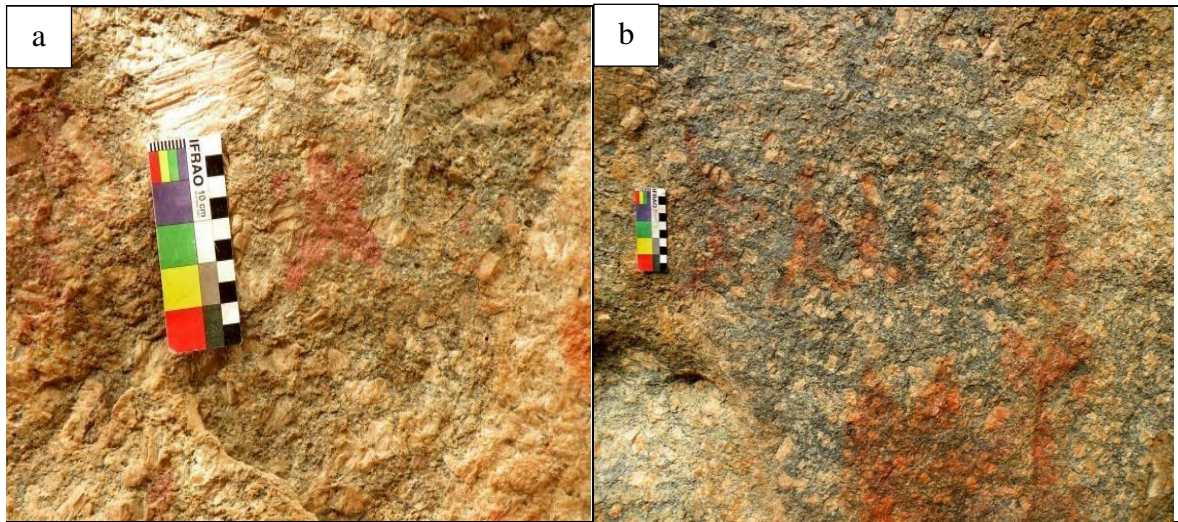
Geoformas: Este local proporciona vista para duas geoformas (Pedra do Navio e Pedra da Mesa), o professor pode explicar os processos de intemperismo que modelou e deu formas aos afloramentos rochosos da cidade e região.

Parada 2 – Pedra da Pintada

Arqueologia: O professor de Geografia em sintonia com o docente de História, podem explicar as características da arte rupestre pré-histórica encontradas no sítio arqueológico “Pedra da Pintada” tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) no município de Monte das Gameleiras. Elucidando que os grafismos sobre as rochas se assemelham a Tradição Nordeste ⁴, devendo ser analisado os padrões gráficos dos registros rupestres, tais como: cor, espessura do traço, preenchimento das áreas internas do traço, dentre outros elementos gráficos (Figura 23).

⁴Segundo Santos Júnior (2015, p. 8) a tradição Nordeste apresenta em seus painéis uma predominância de grafismos reconhecíveis compostos por figuras humanas, representações de animais, plantas, utensílios, artefatos e adornos. Tem como principais características a narração e diversidade de cenas com grafismos em pequenas dimensões (geralmente entre 5 a 10 cm), com sensações de movimentos e ação. Existe uma predominância de representações antropomorfas e zoomorfas, e em menor número, os fitomorfas e os utensílios/artefatos culturais.

Figura 23: Pinturas rupestres na Pedra da Pintada – Monte das Gameleiras – RN (a e b).



Fonte: SANTOS JÚNIOR, 2015.

Nesse ensejo os docentes podem abordar o tema das ocupações pré-históricas do Brasil, os diferentes momentos da ocupação humana no nordeste e os períodos e fases que estas ocupações aconteceram.

Rochas: O afloramento rochoso em que foram registrados os grafismos rupestres sofreu por diversos processos de intemperismo, originando assim a formação de cavidades de profundidade nesta rocha granítica (Figura 24).

Figura 24: Visão frontal do afloramento rochoso “Pedra da Pintada” onde foram registrados os grafismos rupestres.



Fonte: Acervo de pesquisa, 2023.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta inicial deste trabalho foi baseada na elaboração de um roteiro turístico individual para os quatro (4) municípios potiguares (Passa e Fica, São José do Campestre, Serra de São Bento e Monte das Gameleiras) que compõe o polo turístico SAP. Ao longo da pesquisa foi possível observar que a prática do turismo e a Geografia podem ser harmonizadas e incorporadas nas propostas metodológicas das instituições escolares, sendo viável o uso do Turismo Geeducativo nestes municípios que compõem o polo turístico SAP.

Os levantamentos bibliográficos realizados neste trabalho foram essenciais na compreensão da história e evolução do fenômeno Turístico. Com base nisso, foi possível desenvolver um debate teórico sobre o Turismo Geeducativo e reafirmar o seu conceito etimológico, bem como suas funções práticas no ensino de Geografia.

As visitas de campo e exploratórias nos municípios confirmaram os apontamentos feitos no início desta pesquisa. Pois foi possível identificar os potenciais turísticos nas SAP, com as análises e descrições dos atrativos (naturais e culturais) e o potencial geográfico presentes nestes locais, que podem se tornar uma espécie de sala de aula sem as estruturas físicas da escola, promovendo assim o contato direto e interação dos alunos com os elementos geográficos do seu espaço de vivência.

A caracterização geoambiental das SAP (relevo, hidrografia, clima, flora e fauna) serviu de suporte na criação dos roteiros geoescolares. Além das questões naturais e físicas dos ambientes, foi identificado na pesquisa o potencial de se desenvolver a educação patrimonial nos municípios, visto que a maioria dos atrativos são interligados aos elementos simbólicos, históricos e culturais.

Os roteiros propostos, apresentam os possíveis locais de parada e de análise geográfica dos ambientes visitado. Seja o mirante natural, uma Igreja ou até mesmo uma trilha, sempre vai haver elementos que a Geografia pode dialogar ou analisar. Diante disso, é esperado que os roteiros propostos nas SAP se tornem uma alternativa estratégica para uso do professor no ensino de Geografia, uma oportunidade de se contrapor ao ensino mnemônico desta disciplina. Esses roteiros podem ser alterados ou adaptados conforme a realidade local de cada instituição escolar, cotidianamente podem ser incrementados novos locais com potenciais geoescolares nos municípios ou em outras regiões do estado do RN.

A elaboração deste roteiro abre margem ainda para estudos relacionados ao ensino e arqueologia, pois das quatro (4) cidades que integram as SAP, duas (2) delas possuem sítios

arqueológicos tombados pelo IPHAN, ainda inexplorados e conhecidos pela população local e instituições escolares.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Cinthia Maria de Sena; CHEMIN, Marcelo. Viagens: itinerários de sensibilidade e razão. **Turismo & Sociedade**, Curitiba, v. 2, n. 2, p. 110-127, outubro de 2009. Disponível em: < <https://revistas.ufpr.br/turismo/article/download/15831/10474>>. Acesso em: 03 mai. 2022.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil, 1988. texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão nºs 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais nºs 1/92 a 91/2016 e pelo Decreto Legislativo nº 186/2008. – Brasília: **Senado Federal**, Coordenação de Edições Técnicas, 2016.

_____. Ministério do Turismo. **Mapa do Turismo Brasileiro (2023)**. Disponível em: <<https://www.mapa.turismo.gov.br/mapa/INIT.html#/home>>. Acesso em: 10 fev. 2023.

_____. Ministério do Turismo. **Estratégias Territoriais para o Desenvolvimento Turístico, (2020)**. Disponível em: http://www.regionalizacao.turismo.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=91&Itemid=273>. Acesso em: 05 out. 2022.

BORGES, Luciana Resende; AVENA, Biagio Mauricio. O estudo da relação Turismo, Eventos e Acolhimento para transformação da práxis numa prática refletida. **Cenário**, Brasília, V.5, n.8,152– 163, ago. 2017.

BOSISIO, A (coord.). **Breve História do Turismo e da Hotelaria**. Rio de Janeiro: Confederação Nacional do Comércio/Conselho de Turismo, 2005.

CANTARELLI, Liana Garcia et. al. A Renda Frivolité como Tema Inspirador para o Desenvolvimento de uma coleção de Joias. **Disciplinarum Scientia**. Série: Naturais e Tecnológicas, Santa Maria, v. 17, n. 1, p. 171-182, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/disciplinarumNT/article/download/1423/1345>. Acesso em: 27 mai. 2023.

CRUZ, R.C.A. **Introdução à Geografia do Turismo**. São Paulo: Roca, 2001.

Dantas, Airon Sarug Ferreira. Turismo e paisagem serrana: reflexões sobre as potencialidades e a identidade visual do destino Serras do Agreste Potiguar, RN, Brasil. **Terr@Plural**, Ponta Grossa, v.15, p. 1-16, 2021. Disponível em: < <https://revistas.uepg.br/index.php/tp/article/view/17515>>. Acesso em: 17 dez. 2022.

DIAS, R.; AGUIAR, M. R. **Fundamentos do Turismo: conceitos, normas e definições**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2002.

EDRA, Fátima Priscila Morela. **A Relação entre Turismo e Transporte Aéreo no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Ciências em Engenharia de Transportes) - COPPE, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2005.

FERNANDES, Emanuelle Jessica Oliveira et.al. **Mapeamento cognitivo da Arte-Patrimônio no Turismo Geoeducativo**. Fortaleza – CE, 2020. Disponível em: <<https://leges.ufc.br/wp-content/uploads/2020/12/revista-arte-patrimOnio-e-turismo-geoeducativo-v.2-1.pdf>>. Acesso em 19 dez. 2022.

FERNANDES, Emanuelle Jessica Oliveira et.al. **Arte-Patrimônio no Turismo Geoeducativo**. Disponível em: <<https://leges.ufc.br/wp-content/uploads/2020/11/projeto1-arte-geoeducativo-final.pdf>>. Acesso em: 02 abr. 2022.

GONDIM, Lucas Bezerra. Flexões sobre o Ensino de Geografia: Educação Patrimonial no Mucuripe (Fortaleza - CE) e a Cartilha dos Saberes Coletivos. **Geosaberes**, Fortaleza, v. 3, n. 6, p. 115-122, jul./ dez. 2012.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Panorama: Rio Grande do Norte**. Website, 2023. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rn/panorama>. Acesso em: 02 fev. 2023.

_____. **Prévia da População dos Municípios com base nos dados do Censo Demográfico 2022 coletados até 25/12/2022**. Disponível em <https://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2022/Previa_da_Populacao/POP2022_Municipios_20230616.pdf>. Acesso em 02 jan. 2023.

LEMOS, Jeferson Emanuel de. **Avaliação das Mudanças Socioambientais decorrentes da Atividade Turística em Serra Negra – Bezerros/PE – Pelo Método GTP** / Jeferson Emanuel de Lemos. João Pessoa/PB, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/20975/1/JefersonEmanuelDeLemos_Dissert.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2022.

MACHADO, Marcello de Barros Tomé. As etapas evolutivas do turismo: Um estudo sobre o Rio de Janeiro (Séculos XVIII-XX). **CULTUR**, ano 07 - nº 01 - Fev/2013.

MEIRA, S. A.; DE MORAIS, J. O. Os conceitos de Geodiversidade, Patrimônio Geológico e Geoconservação: Abordagens sobre o papel da Geografia no estudo da temática. **Boletim de Geografia**, v. 34, n. 3, p. 129-147, 2 maio 2017.

MINISTÉRIO DE MINAS E ENERGIA. Secretaria de Geologia, Mineração e Transformação Mineral. **Projeto Cadastro de Fontes de Abastecimento por Água Subterrânea: Município de Passa e Fica**, estado do Rio Grande do Norte. Recife: CPRM/PRODEEM, 2005.

MINISTÉRIO DE MINAS E ENERGIA. Secretaria de Geologia, Mineração e Transformação Mineral. **Projeto Cadastro de Fontes de Abastecimento por Água Subterrânea: Município de Serra de São Bento**, estado do Rio Grande do Norte. Recife: CPRM/PRODEEM, 2005.

MINISTÉRIO DE MINAS E ENERGIA. Secretaria de Geologia, Mineração e Transformação Mineral. **Projeto Cadastro de Fontes de Abastecimento por Água Subterrânea: Município de Monte das Gameleiras**, estado do Rio Grande do Norte. Recife: CPRM/PRODEEM, 2005.

MINISTÉRIO DE MINAS E ENERGIA. Secretaria de Geologia, Mineração e Transformação Mineral. **Projeto Cadastro de Fontes de Abastecimento por Água Subterrânea: Município de São José do Campestre**, estado do Rio Grande do Norte. Recife: CPRM/PRODEEM, 2005.

NASCIMENTO, Érica Nayara Santana do. **Turismo Pedagógico como Prática Educativa: Reflexões A partir do Centro Histórico de Cáceres/MT.** UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO (UEMG) 2017. Disponível em: <<http://portal.unemat.br/media/files/ppggeo2015-2-dissertacao-erica.pdf>>. Acesso em: 03 jun. 2023.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de. Caminhos da Festa ao Patrimônio Geoeducacional: Como Educar sem Encenar Geografia? E-book. Fortaleza: **Imprensa Universitária**, 2014. 237 p. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/10320>. Acesso em: 22 out. 2022.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de. Do estudo do meio ao turismo geoeducativo: renovando as práticas pedagógicas em Geografia. **Boletim Goiano de Geografia**, V. 26, n. 1, janeiro-junho, 32-47. 2006.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de; ARAÚJO, João Fernando Marques; TAVARES, Kelly dos Santos. Patrimônio geoeducacional na formação simbólica de municípios-santuários na América do Sul. **Geosaberes**, Fortaleza, v. 6, n. 3, p. 54 - 71, jul. 2015. Disponível em: <> acesso em 13 mai. 2022.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de; LIMA, Francisco John Lennon Alves Paixão; CARNEIRO, Icla Tamara Alves. Representações do patrimônio na Geografia escolar: o imaginário da festa religiosa cearense no ensino médio. In: **Geografia Ensino & Pesquisa**, Santa Maria v. 17, n. 3, p. 127 - 142, set. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/Geografia/article/download/12497/pdf/54837>>. Acesso em 11 set. 2022.

OLIVEIRA, W. M. **Uma abordagem sobre o papel do professor no processo ensino/aprendizagem.** Inesul, Londrina, p. 01 - 12, 30 jan. 2014.

Organização Mundial do Turismo. **Introdução ao turismo.** São Paulo: Roca, 2001.

PANAZZOLO, Flavia de Brito. Turismo de Massa: **Um breve resgate histórico e a sua importância no contexto atual.** Universidade de Caxias do Sul- RS, 2010.

PONTUSCHKA, N.N. **O conceito de Estudo de Meio transforma-se em tempos diferentes, em escolas diferentes, com professores diferentes.** In: VESENTINI, J. W. Campinas: Papyrus, 2004, p. 249-268.

RIBEIRO, Heloisa. Andar com fé e o sentido do chegar. **Caderno Virtual de Turismo**, Vol. 3, Nº 1 (2003). Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/1154/115418121003.pdf>>. Acesso em 19 nov. 2022.

SANTOS JÚNIOR, Valdeci dos. **A dispersão espacial da tradição nordeste na região agreste do Rio Grande do Norte.** Disponível em: <https://www.academia.edu/29270210/A_DISPERS%C3%83O_ESPACIAL_DA_TRADI%C3%87%C3%83O_NORDESTE_NA_REGI%C3%83O_AGRESTE_DO>. Acesso em: 03 jun. 2023.

SENA, Liana Mara Mendes de. **Conheça e Conserve a Caatinga – O Bioma Caatinga.** Vol. 1. Fortaleza: Associação Caatinga, 2011, 54p.

SILVA, Jefferson Santos. **Roteiro turístico geoeseducativo na reserva Ecológica Olho D'Água das Onças**. Dissertação (Licenciatura em Geografia). Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande – PB, 2021.

SILVA, Vera Lucia Felippi da. Acervo de Rendas Lucy Niemeyer: **Uma contribuição para o Design**. Dissertação (Mestrado em Design). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre – RS, 2013.

STRAFORINI, Rafael. Ensinar Geografia: **O desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais**. de Campinas, Campinas: SP, 2001.

WWF – WWF Brasil, 2023. O que é biodiversidade? Disponível em https://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/questoes_ambientais/biodiversidade/. Acesso em 16 de jun. de 2023.